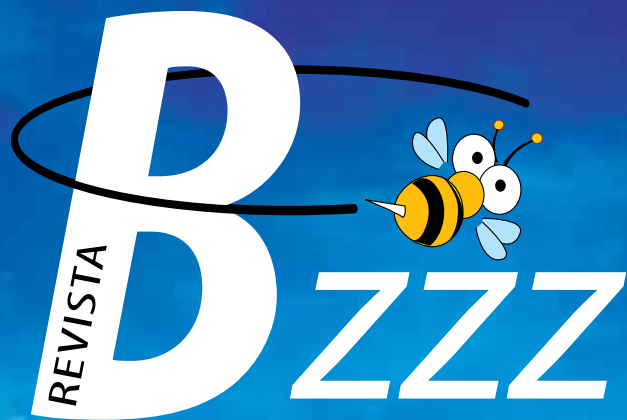


REVISTA **DZZZ**



ANO 3 | Nº 41 | NOVEMBRO DE 2016 | R\$ 12,00

POLÊMICA

Defensores de animais, Justiça e vaqueiros divergem sobre a vaquejada

PRAÇA HISTÓRICA

Local de homenagem ao "Santo de Natal" aguarda reforma, enquanto Padre João Maria pode ser beatificado pelo Vaticano

GASTRONOMIA

Restaurante Gibão e o sabor do Nordeste na capital federal

DOCE SEGUNDO LAR

Casas que são refúgios longe dos grandes centros urbanos



ANOTEM ESTES NOMES

MATEUS SENA, VICTOR SANTOS E VICTOR COSTA: PROMESSAS DO SURFE POTIGUAR QUE SE DESTACAM BRASIL AFORA. APESAR DOS BONS RESULTADOS, AINDA RECEBEM POUCA ATENÇÃO E INCENTIVO



PADRE SÁTIRO

À frente do seu tempo, ele faz parte da história de Mossoró e da vida de muita gente

GUSTAVO BORGES

Medalhista olímpico fala sobre o momento da natação brasileira e como incentivar futuros campeões









Elaborar e aprovar leis, fiscalizar as ações do Poder Executivo e julgar os atos de competência estadual, além de discutir importantes temas para a população, como saúde, segurança, educação e finanças. Este é o trabalho da Assembleia Legislativa, a Casa do Povo Potiguar. Aqui, a população ainda tem garantidos e valorizados seus direitos, através do atendimento gratuito do Procon, das ações da Assembleia Cidadã e Cultural, e do incentivo à educação na Escola da Assembleia. Trabalho que você vê na tv, rádio e internet.

ASSEMBLEIA
LEGISLATIVA DO
RIO GRANDE
DO NORTE.
**SEMPRE AO
SEU LADO.**



Rio Grande do Norte
Assembleia Legislativa

 www.al.rn.gov.br

   assembleiarn

Reconhecimento

OUVIMOS E CONTAMOS HISTÓRIAS – de jovens talentos a personagens de séculos passados. Procuramos o novo, o inusitado, mas lembramos sempre de resgatar acontecimentos e seus personagens e, assim, fortalecer a rica história do Rio Grande do Norte. Entrevistamos pessoas que tenham a contar em suas respectivas áreas, possibilitando conhecer juntos outros lados. Por aqui, descobrimos textos perspicazes, contadores de histórias e seguimos vibrando a cada repórter que se soma à equipe Bzzz. Fotógrafos que se esforçam pela melhor imagem, baús abertos de quem guarda fotos como tesouros, a paciência e boa vontade de quem une foto e texto para projetar nossas matérias. Uns estão desde o início e a eles, também, toda nossa gratidão.

Por toda dedicação que temos, foi uma imensa felicidade – e surpresa – receber a notícia de que a RevistaBzzz é citada como um case de sucesso de impresso nestes tempos de crise. Um professor da Universidade Federal do Ceará (UFCE) levou exemplar para sala de aula e apresentou o conteúdo trabalhado. Orgulho e alegria que queremos dividir com os leitores fiéis, curiosos e críticos que conquistamos. Não trabalhamos pelo reconhecimento, mas quando ele acontece mostra que não importam as dificuldades. Acreditar vale a pena.

Voltando às boas histórias, nesta edição, quem ainda não os conhece, vai adorar os talentosos meninos das pranchas do surfe potiguar, de Ponta Negra. Três das nossas promessas, e já campeões, foram entrevistadas por Andréa Luíza Tavares e estão na capa e recheio. Do mar à igreja, dois padres fazem parte desta edição. O “santo de Natal”, padre João Maria, que dá nome a uma praça do Corredor Cultural de Natal e anda esquecida; e padre Sátiro Cavalcanti Dantas, dono de memória impecável e cheio de causos. Também abordamos a polêmica vaquejada e seus tantos lados como tema da reportagem especial deste mês.

Culinária nordestina em Brasília com o restaurante Gibão; turismo no Camboja; a arte de Victor Bulhões; entrevista com o nadador e empreendedor Gustavo Borges; moda por Vânia Marinho; arquitetura por Wellington Fernandes; colunas de cultura, política, turismo e toda a pluralidade da RevistaBzzz.

Desejamos a todos uma ótima leitura. Fiquem à vontade para nos contar o que achou e enviar sugestões para as próximas edições.

Equipe Bzzz

EXPEDIENTE



PUBLICAÇÃO:
JEL COMUNICAÇÃO

BZZZ ONLINE
ATUALIZAÇÃO DIÁRIA E BLOGS
www.portaldaaabelhinha.com.br

 @revistabzzz

 Revista Bzzz

SUGESTÕES DE PAUTA,
CRÍTICAS E ELOGIOS:
revistabzzz@portaldaaabelhinha.com.br

EDITORA
ELIANA LIMA
elianalima@portaldaaabelhinha.com.br

EDITORA INTERINA
ALICE LIMA

PROJ. E DIAGRAMAÇÃO
TERCEIRIZE EDITORA
www.terceirize.com

COMERCIAL
EDILÚCIA DANTAS
(84) 99996 5859

COLABORARAM COM ESTA EDIÇÃO
ANDRÉA LUÍZA TAVARES, CAMILA PIMENTEL,
CLARA VIDAL, JOUSE AZEVEDO,
MARKSUEL FIGUEREDO, OCTÁVIO SANTIAGO,
THIAGO CAVALCANTI, TULIUS MARCIUS,
VÂNIA MARINHO, WELLINGTON FERNANDES

FOTO DA CAPA
CÍCERO OLIVEIRA

FOTOS
ANDRÉA LUÍZA TAVARES, CÍCERO OLIVEIRA,
EVERSON DE ANDRADE, HERÁCLITON LIMA,
JOÃO NETO, JÚNIOR BARRETO,
LARISSA MARINHO, SUELI NOMIZO,
TULIUS MARCIUS

GRÁFICA
UNIGRÁFICA

TIRAGEM
6.000 EXEMPLARES

 **VALE**
O RESULTADO

VALE
a pena
SER CONTEMPORÂNEO

O CONTEMPORÂNEO ESTÁ
ENTRE AS MELHORES
ESCOLAS DO
ENEM.

ENTRE AS 5 MELHORES
ESCOLAS DE NATAL COM INDICADOR
DE PERMANÊNCIA MAIOR QUE 80%



2º LUGAR EM CAPACIDADE
TÉCNICA DA EQUIPE
DE PROFESSORES



Dados do INEP/MEC

É por tudo isso e muito mais que vale a pena ser Contemporâneo.

MATRÍCULAS 3206.3930

LAGOA NOVA E CIDADE VERDE

contemporaneo.com.br



[colégiocontemporaneorn](https://www.facebook.com/colégiocontemporaneorn)



[contemporaneorn](https://www.instagram.com/contemporaneorn)





60 CAMBOJA

Tulius Marcius, jornalista que cobriu os acontecimentos da Olimpíada do Rio a partir da China, conta experiências do turismo na Ásia e as surpresas de um destino ainda pouco explorado por brasileiros



54 VITOR BULHÕES

Aos 25 anos, artista plástico natalense conta como começou a pintar sentimentos



18 SEM CRISE

Economia criativa é chance para talentosos e destemidos empreendedores



76 MODA TRANSFORMADORA

Peças artesanais e ricas em cultura do projeto Conexão Felipe Camarão



PROCEDIMENTOS DE ALTA COMPLEXIDADE?

*SIMPLES:
Hospital do Coração.*

Há momentos na vida em que a melhor decisão é também a mais segura. Nessas horas, você sempre pode contar com o Hospital do Coração.

Centro Cirúrgico com filtros antibacterianos, UTI com boxes individualizados, Ressonância Magnética de última geração e o único da cidade com duas salas de hemodinâmica. Uma super estrutura que realiza, com equipes especializadas, mais de nove mil procedimentos de alta complexidade por ano. Números que confirmam: se o momento é difícil, a escolha é simples. Hospital do Coração.

- Urgência 24 horas
- Transplantes de órgãos
- Check-up Executivo

 **HOSPITAL
DO CORAÇÃO**
Especializado em você.

(84) 4009-2000
hospitaldocoracao.com.br





ELIANA LIMA

EQUIPE BZZZ

INTERIOR

Deputados federais potiguares encartaram emendas individuais em favor dos novos núcleos da Justiça Federal no interior do Rio Grande do Norte. Os municípios de Assú e Pau dos Ferros serão os contemplados. Fábio Faria (PSD), Felipe Maia (DEM), Rafael Motta (PSB), Walter Alves (PMDB) e Zenaide Maia (PR) somaram, em ordem alfabética, 1,25 milhão em favor do pleito.

GUSTAVO LIMA



MISSÃO

A convite da Marinha, o deputado federal Rafael Motta (PSB) foi à gelada Antártica conhecer as pesquisas realizadas na Estação Comandante Ferraz, pertencente ao Brasil. A presença brasileira assegura o direito de exploração do país no mais meridional dos continentes.

EFEITO

O Sindicato dos Trabalhadores Federais em Previdência, Saúde e Trabalho do Rio Grande do Norte (Sindprevs/RN) é quem informa: o Governo Federal quer virtualizar o atendimento do INSS a partir do próximo ano. Os servidores ficariam em casa recebendo os chamados pela internet. Parte das agências localizadas em solo potiguar – 36 ao todo – ficariam à disposição das prefeituras, para a oferta de serviços sociais.

CONTINUAÇÃO

O ano chega ao fim sem qualquer sinalização do governador Robinson Faria (PSD) sobre reforma administrativa no Executivo estadual. A mensagem subliminar das urnas parece não ter chegado à Governadoria. Robinson entra no terceiro ano do seu mandato com praticamente o mesmo time em campo. A exceção fica por conta dos indicados do PT, partido que rompeu com o governo no início deste ano.



Divulgação

IMUTÁVEIS

Por falar em alto escalão do Executivo estadual, entre os “imexíveis” estão as três superpoderosas do governo: Tatiana Mendes Cunha (Gabinete Civil), Juliska Azevedo (Comunicação) e Juliane Faria (Assistência Social). Para quebrar a feminilidade do grupo, Walber Virgolino (Justiça e Cidadania) é igualmente citado entre os firmes e fortes.

RETORNO

A partir de janeiro próximo, a cidade de Mossoró volta a ter assento na Assembleia Legislativa do RN. Reassume cadeira na Casa a deputada estadual Larissa Rosado (PSD). A parlamentar é a primeira suplente do colega Álvaro Dias (PMDB), eleito vice-prefeito de Natal na chapa do prefeito reeleito Carlos Eduardo Alves (PDT).



Divulgação

SAIDEIRA

Em muitos municípios potiguares onde a oposição levou vantagem no último pleito, a desordem é total. Além de salários atrasados e lixo não recolhido, já chegam ao Ministério Público Estadual informações de computadores e documentos retirados de prédios públicos durante a madrugada. Lupas foram lançadas.



BRECHA

Os assessores mais próximos do presidente da Câmara dos Deputados, **Rodrigo Maia (DEM)**, já lançaram as lupas sobre o Regimento Interno da Casa para encontrar uma maneira de torná-lo apto à reeleição. Pela regra atual, mandatos sucessivos na Mesa Diretora só em legislaturas diferentes. O fato de o parlamentar exercer mandato-tampão é o argumento norteador da busca motivada.



Felício Soares/Câmara dos Deputados

3º TURNO

Enquanto isso, o deputado federal **Rogério Rosso (PSD)**, derrotado por Maia no 2º turno da eleição passada, já colocou o time em campo para conquistar votos. Além de colegas aliados, o parlamentar pessoalmente aborda quantos possíveis para se tornar, desta vez, presidente da baixa câmara do Congresso Nacional.



Divulgação

NÃO, QUERIDA

A Assembleia Legislativa do RN aprovou o primeiro título de persona non grata da sua história. A atriz Alexia Dechamps, autora da frase “eu pago o Bolsa Família do Nordeste”, na Câmara dos Deputados, é quem recebe a desonraria, tornando-se não bem-vinda em território potiguar. O deputado estadual Tomba Faria (PSB) foi o autor da proposição.



Santa e esquecida

Praça que guarda homenagem ao Padre João Maria, o “santo de Natal”, tem sido esquecida por fiéis e espera reforma já aprovada sair do papel

Por Clara Vidal

Fotos: Instituto Tavares de Lyra



A **MAIORIA PASSA COM** pressa, seja para ir ao trabalho, seja para resolver alguma coisa no centro da cidade. Outros aproveitam a sombra das poucas árvores localizadas na praça para relaxar por alguns minutos. Quem ficar debaixo de uma dessas plantas por um tempo vai reparar que poucas pessoas param diante do busto do padre João Maria e se benzezem com ou sem a água benta que fica dentro de um balde perto da imagem. É mais difícil, mas tem ainda quem faça orações diante do monumento.

A praça que leva o nome do padre também conhecido como o “santo de Natal” está localizada no centro histórico da capital potiguar, perto da Praça André de Albuquerque - onde a cidade começou -, de prédios públicos importantes, como a Pinacoteca, e por trás da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Apresentação. E foi justamente por causa da proximidade com a igreja mais antiga de Natal que o terreno foi chamado inicialmente de Praça da Matriz e serviu de cenário para as antigas procissões religiosas. Também foi chamada de Praça da Alegria, até que em junho de 1905 o prefeito de Natal à época, o intendente coronel Joaquim Manuel Teixeira de Moura, estabeleceu que o espaço seria a Praça Padre João Maria.



Praça Padre João Maria na década de 1910

Busto

A ideia de construir um monumento homenageando o “santo de Natal” foi do funcionário do Tesouro do Estado Pedro Soares de Araújo Filho, como ato de devoção para perpetuar à memória do padre. Mesmo juntando dinheiro e fazendo uma campanha para tirar a obra do papel, ele não conseguiu ver o projeto realizado, pois faleceu em 1918, quase um ano antes da inauguração do busto. A obra foi esculpida em bronze pelo professor Hostílio Dantas.

Com o passar do tempo, o monumento mudou de local algumas vezes, assim como a paisagem da praça. Casas residenciais deram lugar a conveniências, chaveiros, gráficas e outros estabelecimentos comerciais; as ruas ficaram mais estreitas com a presença dos carros e não há como deixar de perceber,



Pedro de Araújo Filho idealizou o monumento

ao olhar fotos antigas, que o local já foi mais arborizado. Apesar das mudanças, a veia religiosa é inegável e, mesmo com um número reduzido de fiéis, ainda é possível encontrar velas, fitas, flores e exvotos, principalmente diante do busto do padre. Os cuidados para deixar o espaço em ordem são mantidos por quem frequenta a região há anos.



Depois do descerramento, multidão em homenagem ao “santo”



Busto e pedestal em granito



Comerciantes que continuam

Santana Gomes, que trabalha na praça há 48 anos, conta que já viu até bombeiro ir bater no local por causa de tantas velas acesas e o risco de incêndio. Ela continua vendendo artesanato, principalmente cestas e arranjos, mas já negociou artigos religiosos e diz que com o dinheiro conseguia sustentar, junto ao marido, uma casa com oito pessoas. “Hoje em dia estou aqui só por alguns trocados e porque gosto. Meus filhos cresceram e me ajudam porque sobreviver só do movimento da praça não tem como”.

Maria José também ocupa uma das poucas bancas que ainda

funcionam na praça. Ao contrário de Santana, até hoje ela se dedica à venda de itens religiosos e, para a comerciante, que está há quase 30 anos trabalhando no local, a queda no movimento está relacionada a mudanças no comportamento das pessoas. “Atualmente não tem mais

aquele costume de ir à igreja direto e o povo religioso quando vai é da porta pra dentro. Ninguém aproveita mais esses espaços abertos. Acho que houve uma época em que a insegurança contribuiu para isso, mas, hoje é mais uma mudança de hábito mesmo”, opina.



Santana Gomes
há 48 anos
trabalha na praça



Artesanatos são vendidos no local



Projeto prevê demolição e recuperação de piso e canteiros

PAC Cidades Históricas

A restauração da praça é um dos projetos contemplados pelo Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) Cidades Históricas, lançado em 2009, no período do governo de Luís Inácio Lula da Silva. Como está localizada na área de tombamento do Centro Histórico, a recuperação será supervisionada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) e executada pelo governo do Estado, via Caixa Econômica Federal.

De acordo com o Iphan, em setembro de 2014 o órgão apro-

vou a intervenção proposta pela empresa Cunha e Lanfermann, contratada pelo governo estadual e, até o momento, o projeto encontra-se na Secretaria de Infraestrutura do Estado para realização de licitação.

O Instituto informou ainda que a proposta aprovada pretende adequar o local às atividades religiosas existentes e promover a acessibilidade, já que o projeto prevê a demolição e recuperação de todo o piso e canteiros existentes no local, além da regularização do acesso de

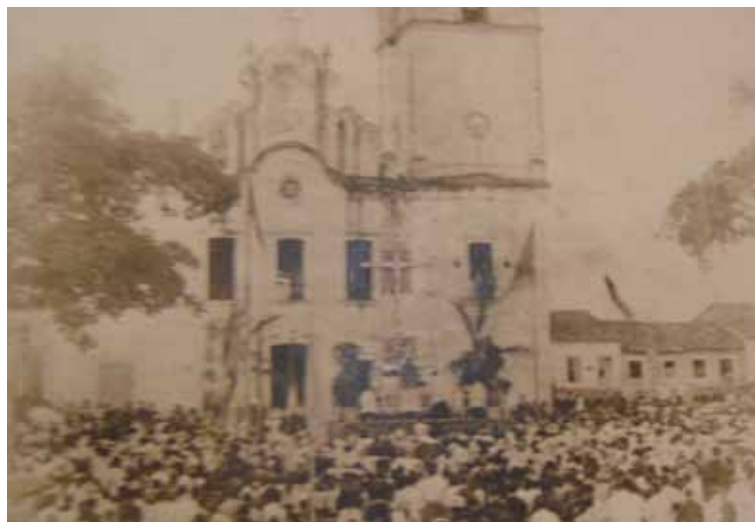
veículos à Rua da Conceição, que atualmente acontece pela praça. O monumento do busto do Padre João Maria também deve ser restaurado, assim como o entorno, com a instalação de um local adequado às orações e colocação de velas e flores. Outra mudança diz respeito à requalificação das áreas ajardinadas, com o plantio de vegetação de pequeno porte e o replantio de novas árvores, além da instalação de equipamentos urbanos: bancos, postes e lixeiras. As barracas de artesanatos também serão refeitas.

O santo de Natal

Filho de Amaro Soares de Brito e Ana de Barros Cavalcanti, João Maria Cavalcanti de Brito nasceu em 23 de junho de 1848, no município de Jardim de Piranhas. Há registros de que ele teve 13 irmãos, entre eles o jurista Amaro Cavalcanti Soares de Brito. João Maria foi ordenado sacerdote no Ceará, mas atuou em cidades potiguares como Caicó, Acari e Natal, onde assumiu a Paróquia de Nossa Senhora da Apresentação, então catedral.

A trajetória do padre também ganhou destaque devido ao trabalho social que ele desenvolveu ao longo dos anos. O historiador Anderson Tavares de Lyra conta que João Maria foi abolicionista e presidente da Libertadora Natalense, espécie de clube que pregava a libertação dos escravos em solo potiguar. “Após a abolição, o padre João Maria não abandonou os ex-escravos e os procurava com frequência até em lugares mais distantes, como na comunidade quilombola de Capoeiras, hoje uma comunidade rural da cidade de Macaíba, região metropolitana de Natal. Ele costumava ir até lá uma vez no mês batizar e casar as pessoas da região”, explica. Para isso, foi erguida uma cruz onde ele realizava as bênçãos e celebrava as missas.

Padre João Maria também foi jornalista e redator do jornal católico “Oito de Setembro”, fundado por ele e que circulou de 1897 a 1905, ano de seu falecimento.



Missa campal celebrada por padre João Maria na virada do ano de 1899 para 1900



Pe. João Maria em pintura de Moura Rabelo



Pe. João Maria e governador Tavares de Lyra durante procissão



Cadafalso montado para o velório de Pe. João Maria



Relíquias do padre que foram doadas por Anderson Tavares de Lyra



Anderson Tavares de Lyra, historiador

Genealogia e Beatificação

Há dois anos, Anderson Tavares de Lyra foi convidado para integrar, como historiador, a comissão de beatificação do Padre João Maria. Ele foi responsável pela elaboração da genealogia do padre, algo inédito até então. “Fiz pesquisas principalmente em Caicó e Jardim de Piranhas, analisando livros de batizados, casamentos e óbitos. Um detalhe interessante é a relação entre o padre e o português Jerônimo de Albuquerque” (ver box), conta o historiador. O português recebeu o apelido de “o torto” e, além de ter sido administrador colonial, foi o pai de Jerônimo de Albuquerque Maranhão, um dos nomes que dividem a opinião dos estudiosos sobre a fundação de Natal.

O levantamento histórico sobre a vida do padre tem como objetivo garantir a abertura de um processo de beatificação do sacerdote no Vaticano, que tem sido comandado pelo cônego José Mário. Uma das dificuldades é encontrar relatos documentados sobre as bênçãos e os milagres atribuídos ao padre. Nem todo mundo sabe, mas hoje boa parte do material relacionado a João Maria está no memorial que existe na Igreja de Nossa Senhora de Lourdes, no Alto Juruá, bairro de Petrópolis, e que ainda recebe doações.

Árvore Genealógica resumida do Padre João Maria

JERÔNIMO DE ALBUQUERQUE,
 de Torto, natural de Portugal, falecido
 em 25 de dezembro de 1584

E **Índia MARIA DO ESPÍRITO
 SANTO ARCOVERDE**

**ANTÔNIO CAVALCANTI
 DE ALBUQUERQUE**

E **ISABEL DE GÓES**

**ANTÔNIO CAVALCANTI DE
 ALBUQUERQUE**

E **MARGARIDA DE SOUZA**

**FRANCISCO XAVIER
 CAVALCANTI**

E **LUÍZA JOSEFA TAVARES
 PESSOA**

ÚRSULA JOSEFA CAVALCANTI

E **BARTOLOMEU SOARES DE BRITO,**
 falecido em 1796

CATARINA DE ALBUQUERQUE,
 falecida em 04 de junho
 de 1614

E **FELIPE CAVALCANTI,**
 natural de Florença, Itália,
 batizado em 12 de junho de 1525

**ISABEL CAVALCANTI DE
 ALBUQUERQUE**

E **MANOEL GONÇALVES
 CERQUEIRA**

**JOÃO CAVALCANTI DE
 ALBUQUERQUE**

E **MARIA PESSOA**

**JOSÉ CAVALCANTI DE
 ALBUQUERQUE**

E **HIPÓLITA DE SIQUEIRA**

**FLORÊNCIO DE BARROS
 CAVALCANTI**

E **MARIA FRANCISCA.**

**ANTÔNIO DE BARROS
 CAVALCANTI**

E **LUCIANA MARIA DA CONCEIÇÃO,**
 casados em 09 de junho de 1806

AMARO SOARES DE BRITO,
 nascido em setembro de 1816

E **ANA DE BARROS CAVALCANTI,**
 nascida por volta de 1818 e falecida em 02
 de maio de 1878, casados por volta de 1834

PADRE JOÃO MARIA CAVALCANTI DE BRITO

nascido aos 23 de junho de 1848 e falecido aos 16 de outubro de 1905.



DESBRAVADORES de oportunidades

O ramo da economia criativa só cresce no RN, mas o investimento exige além de talento, habilidade e estratégia dos empreendedores

Por Marksuel Figueredo

Fotos: Larissa Marinho e divulgação



“NOSSOS PREÇOS VARIAM DE 49,90 a 59,90 (reais)”, já adianta o empresário Raoni Fernandes. Formado em Turismo, até se poderia imaginar que os preços a que ele se refere estariam ligados a pacotes de viagens, excursões e tudo mais. “Eu já tive uma agência de turismo, trabalhei com excursões universitárias, congressos e festas. Também vendíamos pacotes de viagens, como cruzeiros”, detalha.

Foi assim até 2014, quando Raoni resolveu fechar a agência. A partir dali, o turismólogo estaria mergulhado por um tempo em novos projetos. “Passei um tempo parado, pensando e repensando no que deveria investir” lembra. O tempo de ócio foi pouco mais de um ano, quando finalmente resolveu investir no mercado da chamada ‘economia criativa’.

Em maio de 2015, o empresário de 29 anos apostou em um ramo que ele nunca tinha experimentado antes. “Eu cheguei a criar uma agência de comunicação para fabricar camisas com temas progressistas voltadas para clientes de entidades como sindicatos, associações e ONGs. Não deu certo”, pontua. Mas ele não desistiu. “Daquela ideia e daquele, digamos, fracasso, eu resolvi seguir em frente e fabriquei 150 camisas justamente com frases progressistas, de combate ao racismo, ao machismo e à homofobia”.

Os primeiros clientes foram os amigos. Depois vieram os amigos dos amigos e a mala do carro, antes usada como uma espécie de loja, onde ele colocava as camisas, tornou-se pequena. “Foi aí que eu resolvi expandir o negócio para internet e montei o meu site. A internet oferece um mundo de possibilidades e eu procurei abraçá-la”, diz.



Camisas da Sem Etiqueta apostam nas frases criativas e no humor

Na mesma época, em dezembro de 2015, além da internet, Raoni também colocou em prática um desejo antigo. “Tinha vontade de vender minhas peças numa Kombi. Então eu comprei uma e ela passou por um processo de transformação. O desenho foi feito à mão, de caneta. Depois de trinta dias estava pronta. Ficou do jeito que imaginei”.

A Kombi de Raoni virou parceira nos negócios e hoje é símbolo da sua marca, a “Sem etiqueta”. Hoje é nela que ele armazena as camisas e sai para vender em

feiras e eventos da cidade. “Ela me ajuda até a atrair clientes. Às vezes, as pessoas vão para uma feira comprar comida, mas olham para ela, ficam curiosas e se aproximam para saber o que vende ali. A curiosidade se transforma em clientes, que acabam comprando as minhas camisas”, comemora.

Além dos produtos com ideias progressistas, o investidor também explora o lado cultural próprio de Natal. As camisas retratam música, poesia e dialeto. “Tem uma das camisas com a frase ‘tra ga as vasilhas’, uma alusão ao car-

rinho de sorvete que passava no bairro com a promoção de venda das bolas de sorvete. Tem outra, que sai muito por sinal, com a frase ‘aceita vale’. Quem usa o transporte público de Natal sabe do que estou falando”, brinca.

Ele acredita que assim consegue exportar a cultura natalense para todo o país. “O que percebo é que hoje as pessoas estão mais expostas, gostam de se expressar. As camisas acabam retratando isso, acabam falando por nós. E o legal é que hoje eu já consegui vender para todos os estados do país”.

Menina das coroas

Assim como Raoni, a produtora audiovisual Cecília Cortez também investiu em uma Kombi para atrair clientes. Cecília é microempresária, idealizadora da PennyLane Atelier, e trabalha com a confecção de adereços para cabelos que ela mesma faz. “Eu comecei a fazer coroas de flores para mim, ainda quando morava em Pipa. Trabalhava em um restaurante e costumava sempre atender com minhas coroas na cabeça. E foi assim que tudo começou”, conta.

De cliente em cliente que entrava no restaurante, Cecília também foi conquistando os turistas pelos adereços que usava. “O pessoal ficava perguntando onde comprar e eu respondia que não tinha para vender. Depois cansei de dar essa resposta e percebi que dali poderia tirar uma grana extra”.

O ingresso de Cecília na economia criativa aconteceu assim mesmo, sem planejamento. Quan-



Cecília Cortez, da PennyLane Atelier, também investiu em uma Kombi para atrair clientes

do ela percebeu que o negócio estava sendo lucrativo, resolveu expandir as vendas. “Um amigo meu tinha uma Kombi que era um charme, vermelha e branca. Perguntei para ele se não tinha interesse em levá-la para os eventos em Natal, assim, eu teria onde colocar meus produtos para vender e ele acabava divulgando a Kombi dele para fes-

tas. O casamento deu super certo.”

Além das coroas de flores, Cecília passou a produzir lenços, turbantes e acessórios em geral para o carnaval. “A minha expectativa é que as vendas melhorem a partir deste mês, quando vem chegando o verão e se aproximam datas como o Carnaval. É nessa época que consigo faturar mais”, aguarda.



Acessórios de cabelo são sucesso principalmente no período de carnaval



Criatividade em forma de porta-copos

Pedro Tomé não tem do que reclamar. O publicitário é mais um potiguar que acreditou na economia criativa e tem obtido sucesso na aposta. Pedro tinha uma gráfica, mas resolveu fechá-la depois de perceber que a venda dos porta-copos com o estilo *pop art* estava dando mais lucro. As peças foram os primeiros produtos da sua marca própria, a Coasters Creative, que apresentou a primeira coleção com 24 modelos diferentes.

“Ele foi idealizado e produzido a partir de uma necessidade de mercado. Muitas pessoas compravam, bem caro por sinal, guardanapos diferentes para envolver o copo, então, percebi que essas pessoas precisavam de porta-copos que realmente absorvessem o líquido. Nessa ocasião, eu já fabricava as chamadas bolachas de *chopp* e personalizava para cervejarias, redes de bares, restaurantes e hotéis. Foi só unir uma ideia à outra, aperfeiçoar o produto e patentear a marca”, conta.

Ele lembra que entrou nessa fase da indústria da criatividade sozinho e um tempo depois veio o primeiro sócio, e, há cerca de dois meses, a família cresceu e ganhou mais um parceiro. Além dos porta copos, a marca dos amigos também produz imãs de geladeira e blocos de



Thiago Marinho, Pedro Tomé e Edrei Wesley: equipe da Coasters Creative

bolso. As vendas são para todo o país por meio do site. “Mais recentemente, iniciamos a produção de aventais para os que se aventuram na cozinha ou no churrasco de domingo, além de panos de prato com ímãs, *squeezes* e *mousepads*”, explica.

A formação em publicidade ajuda Pedro Tomé a entender as necessidades do público e a se sustentar em um dos pilares dessa economia, que é a criatividade. Costuma dizer que sempre aposta no que é diferente para conquistar

o cliente, estuda preferências e coloca as ideias em prática. O negócio anda tão bom que hoje a marca só não está presente ainda em Manaus. “Só falta chegarmos lá e vamos chegar. No restante do país, já conseguimos emplacar pelo menos um de nossos produtos”.

Com a marca em expansão pelo Brasil, Pedro começa a apostar no mercado exterior. A ideia é levar os produtos para fora do país. “Acreditamos que a partir de 2018 as nossas expectativas comecem a dialogar

com o público em outros idiomas, com alguns dos nossos produtos cruzando o oceano em busca de mercado em outros países. Não pensamos pequeno”, enfatiza.

Depois do sucesso da primeira, a nova coleção da Coasters já está no mercado. Dois dos destaques das peças são artes criadas pela ilustradora Luíza de Souza (@ilustralu), o ‘Pela minha lei’ e ‘Amor e cerveja’. A marca também fez parcerias e lançou peças exclusivas com textos de Marcelo Tavares, o @panelovski, e da banda potiguar Plutão Já Foi Planeta, finalista da última edição do programa SuperStar, da Rede Globo.



Redes

Além de Kombis e produtos originais, as três marcas – Sem Etiqueta, PennyLane Atelier e Coasters Creative – utilizam mídias sociais digitais para a exposição dos produtos, vendas e interação com os clientes. Além de uma maneira de divulgação dos trabalhos, fotos e artes contribuem com a identificação visual e destaque dos conceitos.



@semetiquetabr



@pennylaneatelier



@coasterscreative

Economia Criativa, economia em expansão

De acordo com o Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), o mercado da economia criativa está em expansão no Rio Grande do Norte. Dados da instituição apontam que só em Natal, 1.228 microempreendedores estão inseridos atualmente no segmento. O órgão, inclusive, desenvolve desde o ano passado um projeto de incentivo ao crescimento desse setor.

“O projeto da economia criativa vem sendo desenvolvido em dois territórios: na Vila de Ponta Negra e no bairro das Rocas. O objetivo é identificar potenciais empre-

endedores e ajudá-los a desenvolver e comercializar os seus produtos no setor do turismo”, esclarece Maíza Pessoa, gerente da unidade de comércio e serviços do Sebrae/RN.

Foi por meio do projeto que o Sebrae encontrou o multiartista Fernando Mineiro, como ele mesmo gosta de ser denominado. Fernando é fotógrafo, diretor de vídeo, artista plástico e ainda trabalha com direção de publicidade. “Agora eu também dou oficinas de pipas, ensino crianças a construir e soltar suas pipas”, diz.

A oficina, que recebe o apoio do Sebrae, está em fase de

teste nas escolas públicas de Natal, mas a ideia é profissionalizar o negócio e garantir mais uma renda para Fernando. “Nossa ideia é ele conseguir dar oficinas de pipas nas escolas particulares e em festas de aniversários”, diz Maíza. Cada oficina deve custar R\$ 600 e tem duração de duas horas, com apoio de dois monitores.

“Eu quero seguir com as oficinas, porque, além de garantir uma grana extra, esse também é um projeto social muito bonito. A pipa traz o adulto e a criança para um mesmo plano. Ela é capaz de promover essa interação”, resume Fernando.



Fernando Mineiro
ministra oficina de pipas





Das PISCINAS ao EMPREENDEDORISMO

Gustavo Borges, nadador brasileiro com o melhor desempenho na história das Olimpíadas, fala sobre o método que idealizou e envolve dedicação, apoio e estrutura. Também opina sobre desempenho da natação brasileira e obrigatoriedade da educação física nas escolas

Por Jouse Azevedo

Fotos: Heraclison Lima/Year Book



JUNTE SIMPATIA E O feito de ter conquistado quatro medalhas olímpicas e 19 medalhas em competições panamericanas. Associe todos esses resultados a um trabalho exclusivo de dedicação e muito amor às piscinas. Este é Gustavo Borges, ex-atleta profissional e atual empreendedor e palestrante, que consegue dar continuidade a um trabalho na natação com a Metodologia Gustavo Borges, adotada por 360 escolas em todos os estados brasileiros e Distrito Federal. O nadador esteve em Natal, capital do Rio Grande do Norte, para partici-

par de evento realizado pelo Nec/Pinguinho de Gente, uma das instituições que adotam o método.

Admirado por seguir carreira de sucesso na natação, Gustavo Borges, 43 anos, escreveu seu nome na história do esporte ainda na década de 1980, chegando à elite da natação mundial na década de 1990. Ao conquistar a medalha de prata nos 100 metros nos jogos olímpicos de 1992, ele selava a melhor participação de um nadador brasileiro na competição. Além dessa conquista, ainda ganhou outras três medalhas olímpicas: prata e bronze, em Atlanta

(1996), e bronze em Sydney (2000).

Para o atleta, o ano olímpico no Brasil foi positivo, afinal de contas o país sediou um grande evento. Diferente do momento político e econômico, classificados como tristes pelo nadador e palestrante. “Esperávamos que tanto a Copa do Mundo como as olimpíadas viessem em um momento mágico para o Brasil, econômica e politicamente falando, por outro lado tivemos dois grandes eventos e isso é muito importante. Talvez não tenha sido colhido tudo aquilo que a gente esperava”, lamenta.

Natação brasileira

A natação brasileira encerrou a participação nos jogos olímpicos do Rio de Janeiro sem a conquista de medalhas. Para Gustavo Borges, esse momento é satisfatório se for considerado que o Brasil chegou a oito finais na natação. “Nós tivemos 12 modalidades com medalhistas olímpicos e isso foi inédito para nosso país. Assim como também foram inéditas as oitos finais conquistadas na natação. Por esse lado eu

acho que foi positivo. Na natação havia a expectativa de medalhas e elas não vieram e isso é triste. As finais foram importantes, mas faltou, sim, uma medalha”, lamenta.

Quando o assunto é natação paraolímpica, Gustavo Borges considera promissor o momento vivido pela seleção brasileira. “O Brasil pode crescer muito, não só em nível nacional como internacional. O investimento é muito importante, sempre. Assim como

“

Na natação havia a expectativa de medalhas e elas não vieram e isso é triste. As finais foram importantes, mas faltou, sim, uma medalha”.

o atleta potiguar Clodoaldo Silva fez resultados fantásticos, precisamos de mais Clodoaldos e de outros Daniel Dias. O trabalho foi muito bom, mas é possível melhorar sempre”, exalta.



Satiro Sodre

Pilares para formação de novos talentos

Dentro da área competitiva, Gustavo Borges aponta três pilares importantes que marcam a transição para a natação competitiva. Segundo ele é preciso ter uma estrutura necessária para suprir os processos competitivos, que ainda na base não exige que sejam grandes centros de treinamentos e sim estrutura com piscina aquecida, raia e bloco. O segundo pilar é a necessidade de um profissional de educação física para atender essa demanda. “Depois destes pilares, que são muito importantes, além do desejo da criança que esteja disposta a pagar o preço da disciplina, temos o fator do pai ou responsável que é muito importante, que é levar apoio ao filho. Isso é muito cansativo para a família, mas é muito importante essa dedicação”, detalha Gustavo Borges. “A grande cultura do esporte competitivo está nesse equilíbrio”, complementa.

O gráfico da base da natação competitiva atual mostra como é importante manter o equilíbrio para que se mantenha o número de crianças praticantes de natação no Brasil. Atualmente, entre 0 e 13 anos de idade, o gráfico atual mostra que 75% dos alunos praticantes estão na primeira faixa etária, de 0 e 6 anos de idade. E de 6 anos de idade até 13, o percentual de praticantes é de 25%, o que indica uma queda na



As primeiras vitórias aconteceram cedo

prática da atividade aquática quanto mais velho o jovem é ou quanto mais velha a criança se torna. Na natação competitiva o gráfico é o mesmo com o declínio dos 9 anos até o alto rendimento. “Diante dessa realidade, é possível explicar como se atinge o alto rendimento na natação. Primeiramente melhorando a base,

aumentando a pirâmide da base e depois há uma seleção natural, com escolhas do atleta e de toda família. É importante que os envolvidos estejam ali, dessa forma, quando chegar lá na frente, se não houver interesse, se não existir atrativo, a criança não passará dos 14 anos praticando natação”, conclui Gustavo Borges.

Sonho, comprometimento e resultado

Em Natal, a visita do nadador foi marcada por outro momento importante do projeto, a palestra motivacional. O medalhista olímpico explora motivação, concorrência e trabalho em equipe nas suas apresentações. Excelência é a palavra chave das palestras que o atleta faz em todos os estados brasileiros. Além do esporte, Gustavo, que é economista formado pela Universidade de Michigan, Estados Unidos, foca vários assuntos que podem ser aplicados ao mundo corporativo. As fontes de inspiração, claro, saem da carreira nas piscinas. “Leio muito antes das palestras e procuro saber qual é a característica da empresa. Estas informações são fontes de inspiração e ajudam a entender o público”, ressaltou.

O lado empreendedor não surgiu por acaso. A metodologia foi criada há 11 anos e nas primeiras discussões sobre o projeto o grupo percebeu que o investimento na área da educação escolar era a opção mais acertada para o sucesso da ideia. “Quando eu entrei para o mercado, a inspiração escolar foi muito maior. Quando olhávamos a escola ali na virada do milênio, entendemos que tínhamos que voltar para as nossas raízes, voltar à base. Não adiantava vender aula de natação. E quando se



Gustavo Borges com equipe do NEC

vende aulinha você acaba desvalorizando seu produto”, exaltou, ao lembrar o estudo mercadológico que foi fundamental para a definição da aplicação do método em escolas, fugindo do mercado da indústria *fitness*.

Hoje mais de 350 clientes e 500 mil alunos já passaram pela

metodologia. Segundo Gustavo, o direcionamento é o mesmo em todo o Brasil, com o diferencial da criatividade do professor, que é mantida, desde que zele pela educação aquática. “É importante existir um elo de confiança entre a escola e a metodologia”, explica.

Obrigatoriedade de Educação Física nas escolas

O medalhista olímpico opinou sobre a polêmica reforma do ensino médio brasileiro, prevista pela Proposta de Emenda à Constituição (PEC) 241, cuja primeira mudança importante determinada pela medida provisória é que o conteúdo obrigatório seja diminuído e disciplinas como Artes, Educação Física, Filosofia e Sociologia deixam de ser obrigatórias.

Para Gustavo Borges, a Educação Física no Ensino Médio deve ser considerada como uma disciplina, assim como Português ou Física, por exemplo. Segundo

ele, a Educação Física não é olhada com esses olhos. “Então, mais do que ter uma lei de obrigação, é importante que as regras sejam executadas no Brasil. Porém, no Ensino Médio entra um fator de escolha para os alunos e estamos falando de jovens de 15, 16 anos que não têm uma opinião formada ainda de como deveria ser o trabalho com esses indivíduos. Eu acho que a Educação Física deve ser mantida na grade e os alunos que escolherem também precisam ter uma atenção adequada como qualquer outra matéria”.



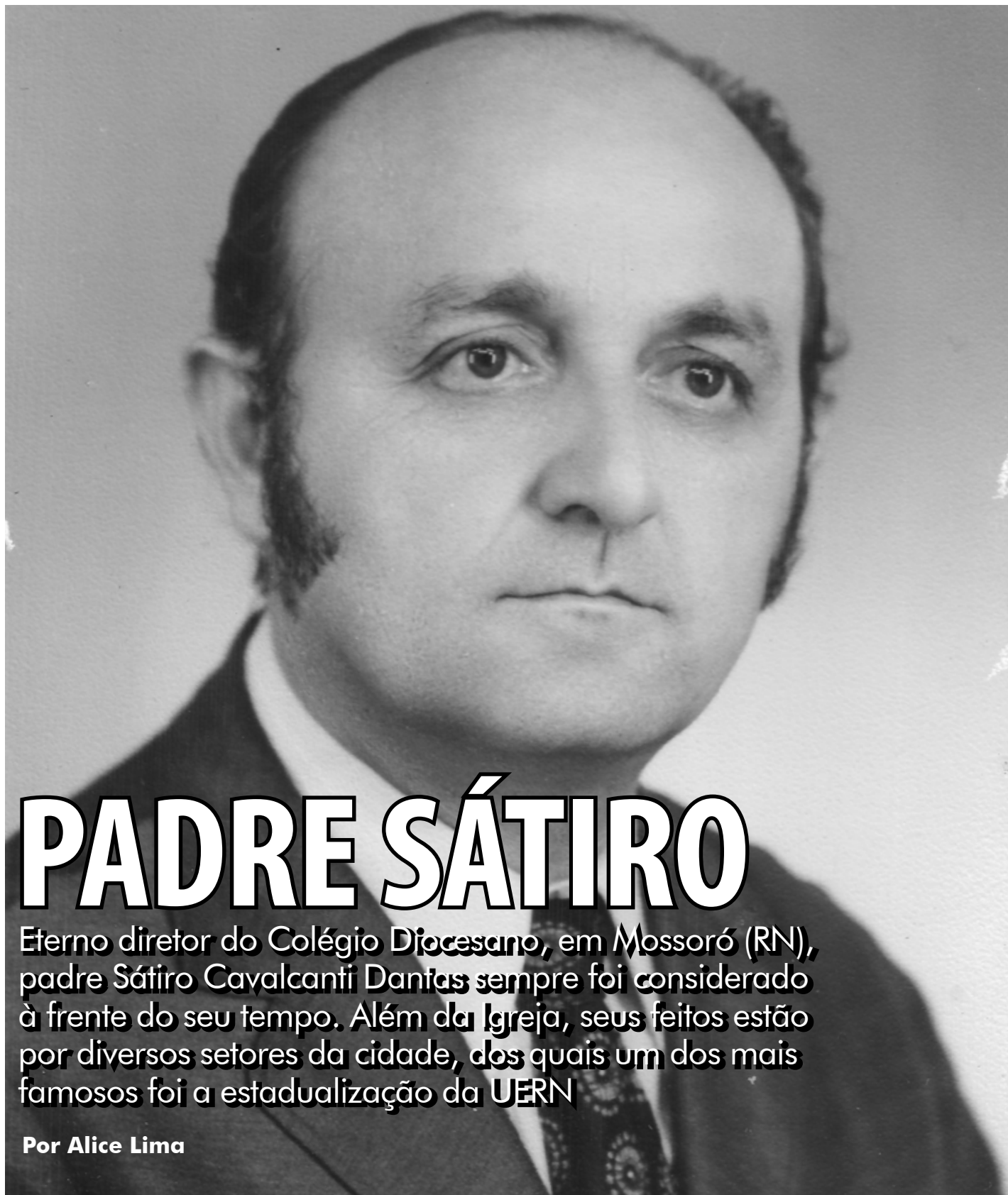
“

Eu acho que a Educação Física deve ser mantida na grade e os alunos que escolherem também precisam ter uma atenção adequada como qualquer outra matéria”.



Revezamento da tocha Olímpica Rio 2016

William Lucas



PADRE SÁTIRO

Eterno diretor do Colégio Diocesano, em Mossoró (RN), padre Sátiro Cavalcanti Dantas sempre foi considerado à frente do seu tempo. Além da Igreja, seus feitos estão por diversos setores da cidade, dos quais um dos mais famosos foi a estadualização da UERN

Por Alice Lima

QUEM É DA CIDADE de Mos-soró, Rio Grande do Norte, certamente conhece ou já ouviu falar naquele que é eternamente conhecido como diretor do secular Colégio Diocesano Santa Luzia. Seus causos rendem muitas rodas de conversa, revistas e livros. Padre Sátiro Cavalcanti Dantas vai além do reduto da igreja ou escola religiosa. Seus feitos estão presentes na política, cultura e história não só da “terra da liberdade”, como de todo o estado.

Aos 87 anos de idade, o local da entrevista não poderia ser outro: uma sala de aula da escola que é praticamente sinônimo do personagem. É lá onde mora atualmente, pois se recusou a sair da escola enquanto a sua casa, dentro da estrutura do Diocesano, é reformada. Cama simples, muitos livros, fotos, piso antigo, bicicleta ergométrica, imagens de santos, pequeno armário e computador compõem o lugar.

Neste ambiente que se sente em casa e onde relembra, com memória impecável, todos os acontecimentos vividos intensamente

dia a pós dia, com dia, mês, ano e todos os nomes dos personagens na ponta da língua em um clássico português seguido à risca.



Detalhes do quarto de Pe. Sátiro, montado em sala de aula do Diocesano

Origens e estudos

Sátiro Cavalcanti Dantas nasceu no Sítio Poço de Pedra, no município de Pau dos Ferros, interior do Rio Grande do Norte. Um dos cinco filhos de João Fernandes Dantas e Erondina Cavalcanti Dantas. O pai, que era negociante, morreu aos 42 anos de idade. A mãe então ficou responsável pela

mercearia e o cuidado com toda família. Estudo sempre foi prioridade na casa e as três irmãs se formaram pela chamada Escola Normal. Foi auxiliando a mãe no comércio, quando deixava água nas casas com a ajuda de um jumento, que o jovem Sátiro conseguiu dinheiro para comprar o enxoval do seminário.



Pe. Sátiro aos 18 anos, quando viajou a Roma

Com a morte do pai, a vontade de ser padre surgiu. Padre Sá-tiro lembra como se fosse ontem a primeira vez em que andou em um trem, no dia 9 de fevereiro de 1943, quando tinha 14 anos, e seguiu para o Seminário Santa Terezinha, onde concluiu os cursos ginásial e científico. Para dar continuidade à formação religiosa, seguiu para o Seminário Central Nossa Senhora da Conceição, localizado em São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, em 1949, local em que fez o curso de filosofia. Depois, resolveu continuar os estudos em Roma, Itália. Na Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma, conhecida como “Universidade do Papa”, cursou teologia dogmática por quatro anos, sem voltar ao seu Estado no período. Durante o papado de Pio XII, foi ordenado padre, 1954, no dia 8 de dezembro. Em 1955, retornou a Mossoró, no dia 28



de novembro do mesmo ano.

O menino antes “traquina” foi se acalmando para construir a história ligada à Igreja Católica, educação e desenvolvimento da cidade. Naquele período, a vida era mais simples e com restrições, mas conta-

va com a ajuda da Diocese. Sempre estudioso, fez o curso de licenciatura plena na Universidade Católica de Pernambuco, em 1970, mesma década que concluiu sua formação em ciências jurídicas pela Fundação Padre Ibiapina, em Sousa (PB).

Relação com o Colégio Diocesano

Padre Sá-tiro é completamente identificado com o Colégio Diocesano Santa Luzia. É difícil pensar na instituição de famosas paredes azuis sem associá-la à figura que por cinco décadas lá está. Inicialmente, quando chegou à capital do oeste potiguar, trabalhou como secretário da escola. Também deu aulas de História e, aos poucos, foi assumindo a direção da escola. Ele é o responsável pela ampliação do lugar e algumas das obras das quais se orgulha são: melhorias de quadras, construção de ginásios

cobertos, parque de atletismo e parque aquático, capela, universidade infantil (setor exclusivamente para ensino infantil) e biblioteca.

Na memória estão diversos dos alunos que passaram pelo colégio. Alguns ganham destaque, seja pelo bom histórico escolar, seja pelas travessuras vividas nos corredores seculares. Doutor Chico Pinto, Paulo Negreiros e Carlos Augusto Rosado (ex-deputado estadual e marido da prefeita eleita de Mossoró, Rosalba Ciarlini) são três exemplos vivos na



Na direção do Colégio Diocesano Santa Luzia



memória do padre. Do último, uma história ficou marcada. Em um período onde existiam 80 alunos internos, havia também o semi-internato do qual Carlos Augusto fazia parte e passava todo o dia no local. “Ele tinha a mania de pegar uma manga do pé, dar uma única mordida e jogar no chão. Um dia mandei que ele escrevesse duas mil vezes a frase ‘não devo chupar manga verde e nem jogar caroço no chão’. Eis que ele distribuiu o castigo com outros colegas e conseguiu finalizar”.

Dias depois da finalização, chegou uma senhora que trabalhava na casa do aluno e entregou ao padre uma bacia cheia de mangas. A encomenda foi enviada por Albaniza Rosado, mãe de Carlos Augusto. Padre Sátiro conta que riu muito, agradeceu e disse que as mangas eram super saborosas. “Nunca mais ele repetiu a travessura”, comemora. Foi o diretor da escola quem celebrou o casamento, décadas mais tarde, de Carlos Augusto e a ex-governadora Rosalba Ciarlini.

Segundo Sátiro, todas as gerações tiveram seus destaques. Como



Como gosta, cercado pela juventude

“

Não acredito em uma educação que a família não participe.

Pe Sátiro Cavalcanti

uma forma de manter viva a memória de quem passou pela escola e fez história, cada carnaúba plantada no lugar é em homenagem a um ex-aluno que se tornou governador do Rio Grande do Norte ou da Paraíba

e levam seus nomes. Algumas delas são Tarcísio Maia, Cortez Pereira, Dix-Sept Rosado, Rafael Fernandes, Lavoisier Maia e João Agripino. Prefeitos e prefeitas receberam homenagens em forma de palmeiras imperiais. Uma delas leva o nome da ex-prefeita de Mossoró Fafá Rosado.

O envolvimento não era apenas com os alunos, mas também com suas famílias. “Não acredito em uma educação que a família não participe”, afirma o padre. Por isso, fundou a Associação de Pais e Mestres. Apesar do jeito durão e da rígida disciplina, o coração e lado mais humano sempre foram destaque.

Política

A política estava desde cedo na vida do padre. O tio Zé Dantas tinha sido deputado estadual por cinco mandatos. Em 1972, a cena política de Mossoró tinha nomes como Dix-Huit Rosado na disputa pela prefeitura e eis que surgiu a ideia de lançar o nome do Padre Sátiro Cavalcanti

Dantas para o pleito. O convite foi feito por Aluizio Alves. “Agradeço, mas disse que não sou político, só tenho o gosto pela coisa. Toda campanha passaram a me convidar, mas nunca aceitei”, conta.

Apesar de não querer participar diretamente, o padre acompanha de perto todos aconteci-

mentos políticos do estado. Sempre teve contato constantemente com vários políticos, a quem aconselha, alerta e também busca melhorias para a cidade e população mais carente. “Quando peço algo a Carlos Augusto ou a Rosalba, brinco que se não me atenderem eu desfaço o casamento”.



Ao lado das crianças do Diocesano



Gutemberg Borges, monsenhor Gurgel e padre Sátiro - 1963

Estadualização da UERN

Quando a instituição de ensino que hoje é a Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN) começou a funcionar, quatro ou cinco padres eram professores. Ao voltar de Roma, Padre Sátiro estava com a ideia de fundar a faculdade de filosofia na cidade. Foi então naquele período que Mossoró passou a contar também com os cursos de letras, filosofia, história, ciências sociais, geografia

e matemática. Na época era Fundação para o Desenvolvimento da Ciência e da Técnica (Funcitec), que, em 1968, foi transformada em Fundação Universidade Regional do Rio Grande do Norte (FURN), a administração era responsabilidade da prefeitura e o aluno pagava pelos estudos. Pe. Sátiro lutou pela sua estadualização e é considerado um dos grandes responsáveis pelo feito.

O contexto era de muitas dificuldades para o município em agosto de 1985. Contas de energia, telefones e salários estavam atrasados. Diziam que o estado não teria condições de assumir a instituição. Sátiro reuniu políticos e lideranças, articulou todas as possibilidades, promoveu assembleias e, em 1986, aconteceu a estadualização. No ano seguinte, ele assinou como reitor da UERN.

De tudo faz

A responsabilidade da batina – que, inclusive, não usa – nunca o limitou. São diversos os envolvimento do padre, seja no aspecto político, seja no educacional, seja no religioso. Ele considera que 1983 foi o auge de sua vida. Foi nesse ano que assumiu diversas atividades ao mesmo tempo: diretor do Colégio Diocesano, pároco, reitor da UERN, membro do Conselho de Economia, e fundador da FM Santa Clara são apenas algumas delas.

A perfeita memória é acompanhada por um vasto repertório. Não há assunto que Pe. Sátiro não acompanhe e não tenha uma opinião formada. Para ele, é impossível trabalhar e viver sem uma ideologia, inclusive para os professores. “Não é preciso impor as ideias, é preciso expor todas elas”,



Em seu quarto temporário, utiliza o computador para as redes sociais e ficar bem informado

ênfata Sátiro. Se voltasse no tempo, iria de novo ao seminário, mas gostaria de ter sido mais preparado para a educação.

Sobre a regrada vida e celibato dos padres, cita o caso de Santo Agostinho, que “passou 50 anos lutando contra seus pensamentos”. Sobre sua vida, confessa: “Tive minhas tendências, mas fiz o concílio, refleti, lutei e me convenci que estava no

lugar certo e combati as tentações. Sou favorável que o celibato seja opcional e não uma obrigação”. Ainda muito antes da famosa música da banda Engenheiro do Hawaii, que diz que “o papa é pop”, Mossoró já via um padre muito pop e “diferentão”, sem papas na língua, sem medo de ousar e ultrapassar os limites da igreja para ter mais convivência e voz ativa na sociedade.

Juventude e redes sociais

É em meio aos jovens que ele se sente à vontade. Não à toa seu novo lar é uma sala de aula da escola que é a sua vida. “A juventude me anima. Adoro dar um jeito naqueles que pensam que não tem mais o que fazer”, brinca. Para ficar mais próximo das pessoas e atualizado, aderiu às mídias sociais digitais. “Tô no Facebook com perfil lotado, também tenho Twitter e já fiz selfie”, conta, animado.

Afastado das atividades de direção, diz que “onde tem um desocupado, ele está presente”. Realiza ati-

vidades no Mosteiro Santa Clara, com as irmãs clarissas, do qual é fundador. Todos os dias reza um terço “nem que

“

A juventude me anima. Adoro dar um jeito naqueles que pensam que não têm mais o que fazer.

Pe Sátiro Cavalcanti

seja cochilando” e quatro vezes por semana celebra a missa do mosteiro. Pelas redes sociais e na vida, é seguidor do Papa Francisco, a quem acha um exemplo. “Não concordo com a ideia de padre ser burguês. Padre tem que estar ao lado dos pobres. Se não for todo tempo com eles, que seja sempre por eles”. Além das redes, é muito fácil encontrá-lo pelos corredores do colégio considerado a casa de tantos, sempre guardada, organizada e protegida pelas orações do seu mais nobre guardião, o eterno padre Sátiro.



Vaquejada cultura ou barbárie?

Os defensores afirmam que se trata de tradição secular que garante empregos e renda, e contrários apontam crueldade com bois e cavalos. Como encontrar um denominador comum?

Por Andréa Luíza Tavares

Fotos: Cícero Oliveira e Andréa Luíza Tavares



NA CORRIDA PARA DERRUBAR o boi na faixa, a frase mais esperada ecoa do juiz da disputa entre homens e animais: “Valeu o boi!”. Quer dizer que os dois vaqueiros na disputa da vez, montados em seus cavalos treinados, conseguiram derrubar o animal, pelo rabo, dentro de área estabelecida, marcada por cal. Segundo as regras, a derrubada só é considerada válida se o boi cair e ficar com as quatro patas para cima no espaço delimitado. É assim que acontece a vaquejada, que surgiu no Nordeste brasileiro entre os séculos XVII e XVIII. Na época, as fazendas de pecuária não eram cercadas, e boiadas de diferentes fazendeiros se misturavam nos pastos. Quando os vaqueiros faziam a separação das manadas, alguns animais eram mais difíceis de serem conduzidos. Assim, fazia-se necessário puxá-los pelo rabo e derrubá-los. Os que se destacavam na prática passaram a ganhar fama e a prática virou tradição.

A tal disputa - derrubar o boi pelo rabo – tem raízes na região do Seridó, interior do Rio Grande do Norte. No livro “A vaquejada nordestina e sua origem”, o escritor e folclorista Luís da Câmara Cascudo diz que a prática é a festa tradicional do ciclo do gado nordestino e uma exibição “de força ágil, provocadora de aplausos e criadora de fama”. Mas a redução dos rebanhos atingiu em cheio o

modo de vida do vaqueiro. Expulsos do campo, muitos se refugiaram nas cidades, na procura por emprego. Outros encontraram nas vaquejadas um meio de vida e uma forma de preservar o antigo prestígio. De acordo com Cascudo, importantes personalidades da história política e literária potiguar, a exemplo dos irmãos Auta, Eloy e Henrique Castriciano de Souza, que foram fruto do casamento da filha de rico fazendeiro com o vaqueiro da propriedade da qual era agregado.

No dia 6 de outubro de 2016, o Supremo Tribunal Federal (STF) decidiu, por seis votos a cinco, pela anulação de uma lei do Ceará que regulamentava a prática. Os ministros consideraram a vaquejada ilegal por entender que impõe sofrimento aos animais, contrariando os princípios de preservação do meio ambiente previstos na Constituição. De um lado, vaqueiros e simpatizantes se mobilizam a favor da continuidade da prática. De outro, os contrários focam na proteção dos animais que são colocados na arena. Alegam que os animais são submetidos a estresse, tração nas caudas e quedas arriscadas enquanto tentam escapar dos vaqueiros. Os favoráveis justificam que a prática é tradição cultural na região, gera empregos e movimenta a economia local.

Vidas secas

Peço licença para contar a história desses homens. São fortes, donos de uma trajetória que tem como cenário o sertão nordestino, a seca e a lida bruta da vida. A aparência rústica esconde a gentileza cortês dos homens criados no mato. “Doutora, se a vaquejada acabar, a gente não tem o que fazer, vai ser o nosso fim”, lamenta Valtércio Lima, 36 anos, dos quais 23 são dedicados a ‘puxar boi’. Aos seis anos ele começou a ajudar na lida do campo. Aos 13, sentiu a adrenalina de derrotar um boi de 400 quilos numa pista e desde então não parou mais. Espelha uma

face vincada, mesmo sendo jovem peão boiadeiro. A lida é bruta, mas não assusta. Não usam mais a vestimenta de couro, mas carregam nas raízes os genes sofridos deste torrão ressecado. Um homem humilde que roga a Deus e seus santos em festas de apartação. Ninguém se torna vaqueiro, nasce vaqueiro. De pai para filho e, hoje em dia, de pai para filha, o sonho de derrubar um garrote alimenta a cultura da prática. Com algum tempo de montaria, os calos nas mãos se tornam sinônimo de sucesso e os meninos das porteiras se transformam nos homens dos bois.



Valtércio Lima “puxa boi” há 23 anos



Jojó Vital, o vaqueiro diferente

Vaqueiro gay

O sol ainda nem nasceu e Jojó Vital, como é conhecido, já está de pé. Vaqueiro, gay assumido e responsável por quebrar estereótipos, arregaça seu cavalo e entra na pista, derruba um boi e é aplaudido pela plateia, assim como qualquer outro da vaqueirama. Bota o boné rosa da “Equipe Vaqueiras do RN”, combinando com a camisa do mesmo tom, e levanta o troféu do dia. Jojó quebrou o tabu de que todo sertanejo é “cabra-macho” no sinônimo além do valente. Nascido em São Tomé, interior do RN, o “Vaqueiro diferente”, como é conhecido, vive a vida do campo e mora com a mãe. Acorda cedo, prepara o café e segue para tratar as poucas cabeças de gado que tem. Vive disso, e com orgulho.

Bandeira

Da vaquejada sobrevivem incontáveis bocas, que se juntam em uma só voz e dizem não saber o que fazer se a prática acabar. De acordo com a Associação Brasileira de Vaquejadas (Abvaq), a atividade no Nordeste movimenta R\$ 700 mi-

lhões por ano e gera 750 mil empregos diretos e indiretos. Uma dessas bocas é conhecida como “Ceguinho Aboiador”. O aboio é um canto nordestino que os vaqueiros usam para contar suas histórias e as dos seus companheiros, e que está presente

no dia a dia dos homens que ganham a vida tangendo gado na Caatinga. Nos dias de hoje, aboiador é coisa rara. “Seu Ceguinho” se destaca na multidão. Com uma bolsinha a tiracolo e seus cds na mão, vai atrás do pão de cada dia nas vaquejadas.



Levanta poeira

Como escrever sobre vaquejada sem nunca ter pisado em uma? E foi assim que às 8h de um domingo nublado parti para Santo Antônio do Salto da Onça, distante 70 km da capital potiguar. No Parque Arapuá

acontecia sua 28ª Vaquejada. A primeira da repórter. Opiniões, medos e julgamentos ficaram do lado de fora. Na entrada, cavalos e homens se estendem até onde a vista alcança, com vários comércios, trailers, carrocinhas.

Ao final, a pista. Não é um local muito barulhento. E, ao contrário do que é reproduzido na cidade grande, o “Valeu o boi” não é gritado, comemorado, nem dito entusiasmadamente. É apenas julgado: “Valeu o boi”.

Pessoas que tentam ganhar a vida, pessoas que se divertem e também os que levam a sério a vaquejada. Tem de tudo. Até um senhor que teve o lábio arrancado por um cavalo, ao tentar beijar o animal, aparentemente já comprometido. O evento era considerado um dos grandes, talvez por isso o nível de organização elevado. O juiz da Associação Brasileira de Vaquejada, Jorge Anastácio, explica que nos seus mais de 30 anos de atividade vê diversas melhorias na prática. “Cada vez mais prezamos pelo manejo cuidadoso dos animais. Era um ambiente de muita ignorância e brutalidade. Agora caminhamos a passos largos para cada vez tornar melhor. Eu queria falar para os ministros do STF olharem nos olhos dos vaqueiros que só sabem tratar de cavalo, de animais, e dizer que o pão de cada dia deles é crime. Isso é rasgar a identidade do nordestino”, diz o ex-vaqueiro, enquanto mostra o curral da boiada.

O veterinário Otacílio Neto informa que a cada dia uma nova “carreira” de boi chega, e a que correu vai embora. Os animais são alugados por criadores a R\$ 150 a cabeça, e correm três vezes por dia. O veterinário Rodrigo Cunha explica que o “boi participa da corrida apenas uma vez na vida, porque após isso ele cria habilidade, passa a ter uma destreza que ninguém consegue derrubar. Esses bois maiores, da fase final da vaquejada, vão da prova direto para



Rabo artificial para evitar a quebra da cauda do boi

o abate. O custo de um boi desse varia de dois a quatro mil reais e ninguém quer perder esse dinheiro”. Apesar de o colchão de areia proteger mais os animais durante a queda, ainda é um arranque violento do derrubador que faz o boi cair, com um baque seco e pesado.

O tratamento mudou ao longo dos anos, pelo menos nesta vaquejada. Ao invés de espetarem os bois para correr, no curral, são espantados com bandeiras, latas e chocalhos. “Ainda é um processo estressante para o animal, mas é impossível negar que melhorou”, comenta Jorge Anastácio. “Agora, rabo de boi não se quebra mais”, garante um senhor que aparenta

estar na casa dos 80 anos e ostenta sorriso sem dente. Otacílio Neto diz que para evitar dano ao animal, foi introduzido rabo artificial - material que se assemelha a uma mangueira, preso à base da cauda e que faz pressão ao ser tracionado. “Nós queremos a regulamentação da vaquejada, é indispensável. Não se pode simplesmente nos ignorar. Assim como a cultura evoluiu, a vaquejada também”, considera o juiz da ABVAQ, Jorge Anastácio. Na Vaqueja de Santo Antônio, não foram registrados acidentes na pista. Mas uma cena presenciada reforçou a ideia de que algumas coisas têm que mudar. Um jovem atirou uma pedra no focinho de um boi.

Arreio de ouro

Mas nem só de vaqueiros vive a vaquejada. Os parques – como são chamados os locais do evento – ficam lotados, com média de público superior a 20 mil pessoas por noite. Premiações gordas, que movimentam cerca de R\$ 14 milhões por ano. Competidores podem ganhar até R\$ 150 mil se vencerem uma prova, tratados como celebridades. De acordo com a Associação Nacional de Vaquejadas (ANV), são mais de 400 eventos por ano só no RN. Estima-se que as festas girem algo em torno de R\$ 50 milhões por ano. “A vaquejada é uma paixão que atrai um grande público e, consequentemente, muitos investidores”, comenta o empresário e criador Josemar França. “É uma cadeia produtiva, uma economia enraizada no Nordeste. Acho que falta muito conhecimento das pessoas, pois nós somos muito mais do que a mídia passa”.

Aqueles que defendem a vaquejada veem, na prática, não só uma atividade esportiva e de entretenimento, mas também um patrimônio cultural e importante pilar



Um cavalo de raça pode valer R\$ 1 milhão

econômico do Nordeste. E evento profissional que reúne empresas, criadores de cavalo – especialmente da raça Quarto de Milha - e empresários. A vaquejada foi além Nordeste e chegou às regiões Norte e Sudeste, especialmente no interior do Rio de Janeiro e Minas Gerais. “Cada prova envolve cerca de 200 profissionais, como veterinários, organizadores, segurança, árbitros, entre outros. Só em 2015 movimentaram cerca de R\$ 600 milhões e geraram 120 mil empregos diretos”, garante Ivo Érico, dono do Parque de Vaquejada Ara-

puá, em Santo Antônio.

No entorno da pista, vendem-se roupas, calçados, artesanato e materiais para cavalos. Os animais também movimentam esse mercado. Um cavalo da principal raça pode chegar a R\$ 1 milhão. Ou mais, diz o apaixonado por cavalos Ribamar Júnior. “A raça é muito inteligente, ágil e dócil. É responsável por grande parcela da economia das vaquejadas. Sem o esporte, os donos não têm o que fazer com o animal e vão sofrer desde o tratador até quem vende ração”.



Comércio em torno das vaquejadas





E os rodeios?

Por que a vaquejada é passível de proibição e o rodeio é permitido?. Questionamento constante. Professor da Escola Agrícola de Jundiá, da UFRN, Henrique Rocha, que também cria cavalos, é a favor do evento. “Isso é, sem sombra de dúvidas, preconceito com o nordestino. É uma prática centenária. A vaquejada não quer maltratar os animais. A saída é regulamentar, é o que todos querem”.

Na Câmara Federal, foram registrados desde 1998 dez projetos de lei e uma PEC para regulamentar a vaquejada como prática esportiva ou considerá-la prática cultural. Em outubro de 2016, o Ministério Público do RN (MPE) firmou um Termo de Ajustamento de Conduta (TAC) para regulamentar uma etapa do circuito amador de vaquejada do estado. Nos termos estabelecidos, garantia de que todos os animais participantes – bois e cavalos - passem por inspeção veterinária, cuja presença será obrigatória.



Henrique Rocha, professor

Os bois só podem participar em dias intercalados e, após as corridas, devem ser inspecionados novamente. O acordo também proíbe o uso de luvas de prego, parafusos e qualquer outro material que possa machucar o boi. O vaqueiro não pode bater no animal, usar esporas, chicotes e objetos cortantes.

“A vaquejada que acontece hoje não é a mesma de 20 anos atrás, as coisas estão sendo corrigidas. Acidentes existem, mas não pode só pegar a parte ruim da coisa”, atenta o criador Josemar França. Para Ribamar Júnior, “acabar com a vaquejada é transformar uma cadeia produtiva em pó”.

“É sofrimento”

“Quando eu fui assistir o que eles fazem com um touro, ficou impossível. Eles põem o animal em estado de sofrimento, foi por isso que votei”, disse a presidente do STF, ministra Cármen Lúcia durante entrevista no programa Roda Viva, em outubro. Votou contra a vaquejada. “Sempre haverá os que defendem que vêm de longo tempo, se encravou na cultura do nosso povo. Mas cultura se muda e muitas foram levadas nessa condição até que se houvesse outro modo de ver a vida, não somente ao ser humano”, destacou. Embora o STF tenha reconhecido a vaquejada como tradição cultural, avaliou que mesmo tradições culturais não podem impor maus tratos a animais. Como boi não dá depoimento, a indústria do peão de boiadeiro segue movimentando milhões.

Doutora em Filosofia Moral e Teoria Política, Sônia T. Felipe co-

“

Quando eu fui assistir o que eles fazem com um touro, ficou impossível. Eles põem o animal em estado de sofrimento, foi por isso que votei.”

**Cármen Lúcia,
presidente do STF**

menta: “Por 500 anos era dentro da lei sequestrar os negros da África e por milênios os homens estupraram, espancaram e mataram suas mulheres, sem que ninguém pudesse fazer nada. Conseguimos reconhecer que a lei, nos dois casos, estava errada. Agora chegou a vez dos animais”.

Para Francisco Garcia, professor da UFPB, coordenador do Núcleo de Extensão em Justiça Ambiental e presidente da Comissão de Defesa dos Direitos dos Animais da

OAB-PB, “por mais artifícios que sejam usados para minimizar, esses maus tratos não deixarão de existir”. Assegura que os prejuízos para os bois, animais de 500 quilos puxados pelo rabo, são muitos. “O rabo é um prolongamento da coluna, existe uma fratura das vértebras, devido à força com que são tracionados. É pura maldade”.

Os argumentos que embasaram o STF foram pautados em laudos técnicos, como os da médica veterinária, professora e escritora Irvênia Luíza de Santis, que demonstram a presença de lesões traumáticas nos animais em fuga, comprometimento dos nervos e da medula espinhais, ocasionando dores físicas e sofrimento mental. Estudo da Universidade Federal de Campina Grande, na Paraíba, revela lesões e danos irreparáveis sofridos também pelos cavalos utilizados na atividade, considerado percentual relevante de ocorrência de tendinite, tenossinovite, exostose, miopatias focal e, por esforço, fraturas e “osteoartrite társica”. “Embora seja cultural, é uma cultura que não se justifica diante da crueldade contra os animais. A nossa Constituição, realmente, garante a cultura em seu artigo 215 como direito fundamental. Mas o artigo 225, que vem logo depois, proíbe a crueldade contra os animais”, aponta a promotora Rossana Sudário, da Defesa do Meio Ambiente de Natal.



Os ecos

Vaqueiro soltando aboio/de doer no coração/Eu sou ligeiro na pista/e no meio do carrasco/quem tiver boi mandingueiro/solte que eu desenrasco/dou queda que ele conta/as estrelas com o casco/ou tro diz o meu cavalo/é forte é gordo e zelado”. E assim cantava Luiz Gonzaga, em “Corrida de Mourão”, um dos primeiros nomes da vaquejada. Mas, para os contrários à prática, a realidade não se encaixa em letras de música. Se, para quem participa há o medo de que a vaquejada tenha fim e seja necessário procurar outro meio de sustento; quem é contra diz que de trata de algo “bastan-

te violento”, como chama a atenção Rossana Sudário. “Tráfico de drogas também dá dinheiro, não é só porque movimenta a economia que devemos permitir que isso continue. Estamos no século 21, não podemos defender coisas do século 19. Cultura também se modifica. São coisas que não existem comprovação, essa importância econômica é dita por quem tem interesse em continuar fazendo. Não existe nenhum estudo isento, nenhuma análise econômica. Reconheço, mas não podemos admitir que isso continue”, assevera. Outro ponto é o treino para os vaqueiros, que acontece fora dos

holofotes. “Os treinos ocorrem sem nenhuma fiscalização, em locais esmos, ninguém sabe o que está acontecendo, imagine o que fazem com os animais”, preocupa-se Sudário.

Em nota, o Conselho Federal de Medicina Veterinária (CFMV) manifestou-se contrário ao evento. De acordo com a Comissão de Ética, Bioética e Bem-estar Animal, ligado ao CFMV, o termo sofrimento se refere a questões físicas, tais como ferimentos, contusões ou fraturas; e a questões psicológicas, como imposição de situações que gerem medo, angústia ou pavor etc.



“Falácia”

Para o presidente da Comissão de Defesa dos Direitos dos Animais da OAB-PB, Francisco Garcia, o argumento da geração de emprego e renda não é válido. “É uma falácia. Na verdade, os vaqueiros só são empregos por temporada, nem carteira assinada têm, são empregos informais, eles ganham merrecas. Esse é o discurso utilizado pelo pessoal que promove vaquejada para comover a população. A quantidade de dinheiro que as empresas que promovem o evento ganham é enorme, eles que estão preocupados”, garante.

“Nada do que tem sido utilizado a fim de “diminuir” os danos causados aos animais, cavalos e bois, nas vaquejadas pode servir como argumento para defender que a prática continue. Os animais continuam sofrendo tanto fisicamente como psicologicamente”, afirma. Rossana Sudário também comenta que “o animal, depois do evento, apresenta diversas escoriações, membros posteriores e inferiores fraturados, rompimento de tendões, de ligamentos e ainda de vasos sanguíneos. Depois disso tudo, o animal não recebe assistência alguma, muitos vão para descarte sem, ao menos, terem suas dores medicadas”. E completa, indignada: “O que se vê é um show de barbaridades e horrores!”.

Francisco Garcia assegura que “nenhuma regulamentação



“

Nenhuma regulamentação ou artifício usado eliminará a crueldade e os maus tratos.”

Francisco Garcia,
presidente da Comissão
de Defesa dos Direitos
dos Animais da OAB-PB

ou artifício usado eliminará a crueldade e os maus tratos. A regulamentação feita pela ABVAQ é feita em nome próprio para uso próprio e não respeita os limites dos animais. Essas pessoas não estão nem aí para a dor do ani-

mal, quando eles olham para os animais, eles veem cifras, estão pouco se lixando para cultura. Se o discurso fosse honesto, eles falaria no dinheiro”.

O debate é contínuo, e o futuro, incerto. Até o momento, a prática da vaquejada não está proibida, mas gera dúvidas quanto às atividades futuras após a decisão do STF. O que é de conhecimento é que a “pegada de boi” (termo usado no início de sua criação, assim como Corrida de Mourão) gera renda a quem trabalha no meio, mas, ao mesmo tempo, também sofre acusações de maus tratos pelos defensores dos direitos dos animais. Uma atividade econômica e cultural, enfim, polêmica.



Meninos do mar

Jovens talentos do surfe potiguar sonham e voam alto sobre as ondas e são promessas do esporte em um momento de ascensão de surfistas brasileiros na cena mundial

Por **Andrea Luiza Tavares**
Fotos: Cícero Oliveira



Mateus Sena,
Victor Santos e
Victor Costa

SANGUE QUE PULSA NAS veias segue o ritmo das ondas. As peles carregam as marcas do sol e as pranchas se transformaram em extensões dos próprios corpos. Quem vê os três em ação não duvida que ali estão os filhos do mar. Victor Costa, 16, Mateus Sena, 14, e Victor Santos, de apenas 7, são a esperança de um futuro ainda mais promissor para o surfe potiguar. Celeiro dos principais surfistas do estado, a Praia de Ponta Negra, na capital do Rio Grande do Norte, já prestigiou grandes talentos, como o natalense Jadson André e Ítalo Ferreira, que é natural de Baía Formosa. Nas últimas décadas o esporte das ondas tem obtido um nível de organização formal e de representação social importante e muito semelhante às modalidades tradicionais. Mesmo assim, a opinião dos praticantes é que faltam valorização e incentivo.

O surfe é um dos esportes mais praticados em todo o mundo. São cerca de 25 milhões de pessoas em todos os continentes que se aventura sobre as pranchas. No Brasil não há dados conclusivos sobre o número de praticantes, mas é correto afirmar que a atividade atrai novos adeptos a cada dia. A Associação dos Surfistas Profissionais (ASP) é quem regulamenta e traça as diretrizes do esporte. Os maiores surfistas do mundo disputam anualmente o World Tour (WT), circuito disputado pelos atletas da elite. Em nível mundial, tem-se o World Qualifying Series (WQS). As competições nacionais são: o Brasil Surf Pro, Profissional Nacional e o Super Trials, a divisão de acesso. Além disso, diversas competições são realizadas nos níveis estadual e regional.

Mateus Sena, filho de peixe

Além de um esporte saudável, o surfe é também um estilo de vida. Filosofia que une corpo, alma, mar e leva felicidade a pessoas de diferentes etnias, opiniões, gostos e religiões, como afirmam em unanimidade o trio de jovens talentos. A história deles se mistura fortemente com o dia a dia nas areias de Ponta Negra. Como “filho de peixe, peixinho é”, os pais da turma serviram de inspiração para os filhos. “Eu via meu pai surfando e sempre pedia para tentar. Um dia ele me botou na prancha e desde então não parei mais”, conta Mateus, que era apenas um menininho quando começou, aos três anos. Pai e filho se unem e se movem nessa parceria de apaixonados pelo mar. Ninguém diria que o garoto se daria tão bem e conquistaria tanto em tão pouco tempo. Com

cinco anos participou do primeiro campeonato e se saiu bem em duas categorias. Os pais, Fernanda Zauli e Eros Sena, viram que ele levava jeito e fizeram disso um sonho de todos.

“São nossos sonhos, falo nossos porque estou vivendo o sonho dele, que também é meu. A ideia é chegar ao topo do mundo”, se emociona Eros. O último troféu na prateleira foi o de campeão brasileiro sub14 2016 no Circuito Rip Curl Grom Search. Coleciona títulos e sorrisos. Brincalhão, comenta que o sucesso não lhe sobe à cabeça, mas gosta do “assédio das meninas”, como ele mesmo diz. Responsável, leva o treino a sério, mas não esquece da escola. “Com certeza eu estou no caminho certo, competindo direitinho, treinando e estudando”, enfatiza o atleta.

Mateus sente o peso de fazer o que gosta, ou melhor, o que ama: enquanto os colegas se preparam para a escolha da futura profissão, ele se aprimora ainda mais no seu talento. E não esquece de ajudar aos outros, que, assim como ele, sonham com as ondas. “Às vezes os molequinhos vêm me pedir dicas, e eu fico muito feliz, sempre ajudo e aprendemos juntos. Serve de inspiração. É muito importante”. O jovem surfista conta que os planos para o futuro estão traçados. “Nosso projeto é que em 2018 eu entre no circuito mundial”, diz, entusiasmado. “Não pretendo parar nunca de surfar, vou levar o surfe para a minha vida toda”, professa. E Ponta Negra vê mais um de seus filhos se preparar para ganhar os mares do mundo.



Victor Santos, pequeno fenômeno

Enquanto garotos de sua idade brincam com celulares, carinhos e videogames, a brincadeira do Victor Santos, envolve o mar e sua prancha. Bastam alguns minutos observando o menino para ver que ele leva jeito. A pouca idade fica na areia, pois no mar Victor compete, sem medo, em categorias além da sua. O equilíbrio impressiona e o tamanho também. Em competições, surfa com meninos de 10 anos de idade e, como não tem categoria para competir, participa das provas como convidado. A família se enche de orgulho. Ainda é um atleta de poucas palavras, e quando perguntado sobre o que mais gosta de fazer, responde sem titubear: “Surfar”. Sua praia é não parar quieto. Empolgado, logo pediu permissão da mãe para cair na água. “Eu fico sempre preocupada com relação ao mar,

pois ‘mãe é mãe, né?!’, diz Wilma Lopes, mãe do fenômeno.

No que diz respeito às atividades aquáticas, o garoto pode ser considerado avançado em relação aos demais da sua idade. Aos nove meses já praticava natação, aos dois anos e meio já sabia nadar sozinho, sem ajuda de nenhum aparelho de apoio, como boias ou coletes. “Ele é uma criança, tudo é envolvido com brincadeiras, mas ao mesmo tempo responsabilida-

de”, conta a mãe, orgulhosa. Foi por meio do seu pai Marcel Soares, que o surfe surgiu, mas a iniciativa de subir na prancha partiu do filho, que, vendo seu mentor nas ondas, pediu para tentar também subir nela. “Ele sempre via o pai surfando e pedia muito e uma vez o pai dele o jogou na onda. Desde então não parou mais”, relembra Wilma. Victor já faturou tantos troféus que a família já perdeu as contas. Na lista, Campeão Sub 8 no Dore Surf Kids 2016 e, recentemente, sagrou-se em três etapas do “Circuito Menino Vem Surfar”. Na escola, ele também é bastante ativo e “não para quieto”. Conquistou torcida e a família é a principal incentivadora. “Estarei sempre apoiando e fazendo o melhor para que ele conquiste seus sonhos”, conclui a mãe, com os olhos marejados.



Victor Costa, surfe de corpo e alma

O rapaz tímido, sorridente e educado passou os últimos oito anos se dedicando às ondas, de corpo e alma. Para Victor Costa, o começo foi difícil. Perdeu, caiu, chorou, mas nunca pensou em desistir. Quando sentiu o sabor da vitória não quis mais parar. Descobriu o talento, encantou familiares e se encontrou. “Surfe é tudo”, diz. Teve o melhor dos incentivos, além do apoio da família. Encontrou no ídolo Jadson André mais que uma inspiração. “O Jadson é meu parceiro, ele é muito especial para mim”, conta. Para ele, um dia bom é um dia onde possa botar o pé na areia, sentir o vento nos cabelos e a onda no rosto. “Quero surfar para o resto da minha vida, ser feliz”, fala o jovem atleta.

Com a determinação de

quem nada contra a maré, Victor fala o que todos já sabem: “Pretenso ser campeão mundial, fazer do surfe o meu trabalho. Ajudar minha família através desse esporte é o meu sonho”. O garoto de cabelos castanhos queimados do sol tem porte de atleta, mente de campeão e já ostenta uma série de conquistas. Dentre elas, Campeão do Circuito Dore na categoria Pro Júnior, válido pelo Circuito Nordeste Pró Júnior, e 3º lugar sub16 no Smolder Pro Kids, em Fortaleza, capital do Ceará. “A maioria dos meninos curte festa, gosta de sair com meninas, mas eu sou mais focado. Quando eu estiver lá entre os top eu vou ter tudo isso, por enquanto estou centrado no meu objetivo”. De menino que mal conseguia se firmar na prancha a bicampeão

nordestino, Victor ressalta o esporte como fator de transformação social. “Eu poderia estar fazendo coisas erradas, usando drogas. Por causa do esporte tive boas amizades. Você cria um foco, esquece as coisas ruins, faz querer algo para si”, pontua. De origem simples, estuda em uma escola em Ponta Negra e cursa o 2º ano do Ensino Médio. A família é preocupada e está sempre atenta para o garoto seguir seu sonho, mas sempre com responsabilidade. “Deus e família em primeiro lugar”, diz Victor. Falando em desejos, o potiguar sonha alto, mas mantém os pés no chão, ou melhor, na prancha. “Almejo chegar ao WCT e ser campeão mundial. Se a pessoa realmente ama a atividade, deve se entregar de corpo e alma, só depende de você”.



Incentivo

Atletas brasileiros, como é o caso de Gabriel Medina, Adriano de Souza (Mineirinho), Filipe Toledo, Miguel Pupo e Ítalo Ferreira, conquistaram espaço, são destaque na Divisão de Elite Mundial do esporte (WCT) e tratados como verdadeiras estrelas. Mas, paradoxalmente, o bom momento que os surfistas brasileiros vivem lá fora não reflete a real situação dos atletas que residem no Brasil e sonham um dia figurar entre os melhores do tour mundial. Na maioria dos estados a falta de incentivo ao surfe nas categorias amadoras e, principalmente, entre os profissionais - que vai desde a escassez de campeonatos até a ausência de patrocinadores -, é cada vez maior. Por consequência, o afastamento de surfistas talentosos e com futuros promissores dentro d'água é quase certo.

O surgimento de novos surfistas no cenário do Rio Gran-

de do Norte revela a importância do esporte para o Brasil. Mesmo com os holofotes apontados para o país como uma grande promessa, ser um profissional não tem sido tão fácil. “Para ser um surfista, no nosso caso profissional, é preciso ter patrocínio para poder viajar e disputar as competições, porque tudo é muito caro no circuito”, explica Eros Sena, pai de Mateus.

“É legal ver o momento atual do surfe nacional”, analisa Victor Costa, contente com a nova cena do esporte, a qual é chamada de Brazilian Storm pela mídia especializada no exterior. “O surfe vem crescendo em todos os lugares por termos uma equipe muito boa. Ainda tem muito o que crescer, a federação ainda precisa evoluir muito. É muito importante esse trabalho”, desabafa Mateus Sena.

Num contexto geral, as oportu-

nidades e viagens que os competidores são convidados a participar, na maioria das vezes, são custeadas com apoio de instituições e marcas, além da ajuda de familiares. No entanto, despesas com passagens e estadias são altas e, infelizmente, muitas competições se tornam apenas um sonho para garotos e garotas com talento a ser exibido.

“Tem bons atletas, ótimos atletas. Poderia ter mais competições. Daqui a um tempo deve melhorar. Falta interesse do natalense no esporte, pois focam no futebol e não olham tanto para o surfe. Já está na hora de investirem mais no nosso esporte, termos mais campeonatos, escolas com a prática. É o esporte que mais dá resultado para o Brasil”, aponta Victor. Mesmo com todas as dificuldades, o RN continua lançando seus filhos para o mar, com talento, uma prancha e um sonho.





Sentimento *em tela*

Victor Bulhões, o artista plástico potiguar autodidata que, aos 25 anos, impressiona com arte madura e inovadora

Por Alice Lima
Fotos: Sueli Nomizo

DONO DE CABELOS COMPRIDOS que caem levemente para o lado, barba e bigode que resultam em um ar misterioso e contrastam com o sorriso leve e descontraído, o jovem Victor Bulhões tem tinta e alma de artista. É das tintas e pincéis que o moço de 25 anos entende bem. Sem enquadramentos ou rótulos, fala e escreve sobre arte com aquela paixão característica de quem nasceu para as atividades criativas e para tornar realidade a frase “viver da minha arte”.

Que os professores do Instituto Maria Auxiliadora (onde o natalense estudou a maior parte da vida) não saibam, mas Victor sem-

pre foi aquele aluno que passava as aulas desenhando no caderno em uma evolução de traços a cada novo ano curricular. Durante o ensino médio também estudou – e desenhou – no estado de Indiana, Estados Unidos, onde fez intercâmbio. Quando retornou ao Brasil, cursou faculdade de Arquitetura e Urbanismo na Universidade Potiguar (UnP). Em 2014, já com a vida profissional mais focada, estudou arte em Montpellier, na França.

Autodidata nas pinturas, embora tenha procurado e participado de cursos de desenho na adolescência, o talento para telas e pincéis foi sendo desenvolvido com

o tempo. “Não houve uma influência direta, mas toda minha família é de alguma forma ligada à arte não profissionalmente. Cresci em meio ao ‘bom gosto’, digamos assim. Naturalmente, meus desenhos foram evoluindo, até que um dia surgiu uma primeira encomenda inesperada e, daí em diante, uma coisa puxou a outra”, resume Victor Bulhões. Muito eclético, ele conta que escuta de tudo e “tem amigos por todo canto, da *high society* ao *underground*”. Além do ateliê, pode ser encontrado em um banho de mar na Praia de Ponta Negra, colado ao Morro do Careca, ou na Praia da Pipa (Município de Tibau do Sul).







Profissional da Arte

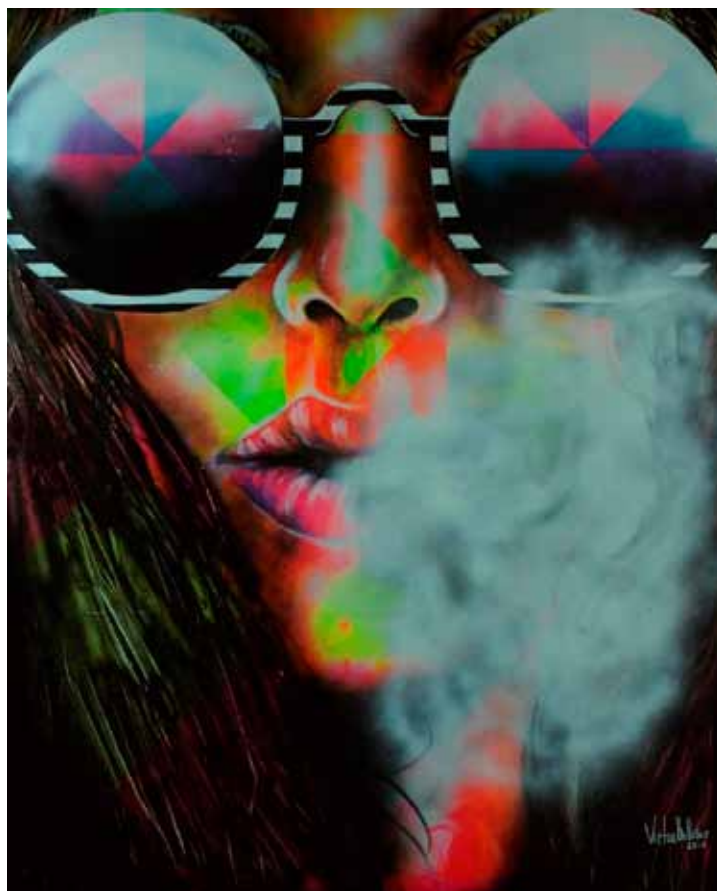
Foi no período de faculdade que o trabalho como artista começou, por meio da encomenda feita pelo amigo. Antes disso, desenhava familiares e pessoas próximas por diversão. “Passei a dividir minha rotina entre a faculdade pela manhã, estágio à tarde e as encomendas quando dava, até que o número de encomendas aumentou ao ponto de ter que parar o estágio. Terminei o curso já trabalhando exclusivamente como artista”, lembra Bulhões.

Para o pintor nato, a etapa mais difícil foi assumir que levaria a sério ser artista, pois segundo ele, depois desse primeiro ponto resolvido, “quando se faz o que gosta, os problemas que surgem viram pequenos perto do objetivo”.



Caçador de sentimentos

Em uma rápida olhada pelas obras, se vê cores fortes e contornos pretos bem marcados. Rostos, cores e muitos tons. De uma releitura da Mona Lisa, de Leonardo da Vinci, a pinturas de artistas como Amy Winehouse, Beatles e Rolling Stones. “Acho que eu pinto o que sou! Cada tela é um pedaço de mim. Nem sempre muito bem definido, confuso, mas verdadeiro. Sou fascinado pelo corpo humano e me considero um caçador de sentimentos. Não existem nomes ou definições nas obras, todas são de total livre interpretação. Fascina escutar tudo que conseguem enxergar em minhas pinceladas e acho que essa é a melhor parte”, conta.



O artista explica que desenvolveu uma maneira própria de criar imagens e, a partir desse conceito, não guarda preocupações com as tintas ou técnicas que escolhe usar. Desse modo, cada nova peça reserva algo que foi aplicado pela primeira vez. “Quando estou pintando muitas vezes me desligo e tudo acontece meio sozinho, sou apenas passagem.”, reflete Victor Bulhões.

Segundo ele, as referências surgem de todos os lugares, desde os clássicos ao grafite, dos amigos aos seus ídolos. Sobre o perfil de quem consome sua arte diz: “acho que você se torna o que você enxerga. Meu público são os amantes do diferente, os que buscam o que não encontraram ou os que gostariam de uma cara nova para algo cotidiano”.



Arterapia

O tempo de Victor Bulhões tem sido dividido entre as encomendas, as séries independentes e as aulas que desenvolve no “Arterapia”. “A ideia de montar um curso veio da frustração que foi, para mim, procurar um. Nunca encontrei um ambiente onde eu pudesse aprender arte de forma orgânica, adaptável, com atendimento individual e técnicas misturadas”, explica o artista.

Para ele, os cursos de pintura costumam ter formatos muito tradicionais, nos quais é necessário seguir uma ordem de técnicas que

nunca lhe fizeram sentido, assim como as normas e listas de materiais e exercícios.

Por isso, em seu ateliê e durante o “Arterapia”, cada um pinta o que quer, como quiser - e se quiser. Momento de relaxamento e autoconhecimento inicia os encontros. Em seguida, há os atendimentos individualizados. O ambiente é descontraído e, de acordo com seu idealizador, a única regra é o respeito com o espaço e com os participantes – que podem ser de todas as gerações e gostos.





Do BRASIL pra Da CHINA pro CAMBOJA

Tulius Marcius – 27 anos, jornalista. Viveu seis meses em Pequim, na China, cobrindo a repercussão da Olimpíada do Rio, pelo SporTV. Aproveitou que estava a poucas horas de roteiros exóticos, para passar férias em Siem Reap, no Camboja – além da Tailândia, Vietnã e Laos. Para ele, as férias foram a realização do sonho de chegar a destinos, que sempre despertavam sua imaginação, mas eram vistos como inalcançáveis

Por Tulius Marcius
Fotos Tulius Marcius



SEMPRE ACHEI TÃO CINEMATOGRAFICOS, nos aeroportos, os letreiros com os voos que estão para partir. Em especial, os poucos que não se intimidaram com a tecnologia e continuam trocando letreirinha por letreirinha, fazendo barulho. Nunca mais tinha visto um desses. E, desta vez, na China, retornando de uma daquelas “pequenas cidades” de dois milhões de habitantes para a capital Pequim, nem precisava checar o portão de embarque, mas lembro de ter ficado parado em frente a um dos painéis. Não era pelo estranhamento que isso causava – algo tão vintage contrastava muito com a tecnologia que a China mergulhou depois da abertura econômica e o crescimento na margem dos dez por cento ao ano, nas últimas três décadas – tampouco era saudosismo por uma época a que nem vivi. Fiquei, ali, admirando os exóticos destinos asiáticos, que pela primeira vez me pareciam tão próximos. Lembro de ter visto o nome de uma cidade que por 27 anos me passou despercebida: Siem Reap. Uma rápida e curiosa olhada no Google me levou à terra do Angkor Wat, no Camboja. Não precisa “googlar”, vou te apresentar, daqui a pouco.

Em comum, os destinos que mais me fascinam são aqueles que despertam em mim um sentimento de inalcançável. Lembro, quando criança, de assistir Glória Maria, Maurício Kubrusly ou qualquer destes repórteres-talentedos-sortudos que unem jornalismo às suas viagens pelo mundo, e imaginar que Butão, Laos ou o Camboja não estariam ao

alcance de um mero mortal. É que, dificilmente, juntamos dinheiro, conseguimos tempo e companhia para arriscar um roteiro em que, a princípio, não estejam o Cristo Redentor, a Torre Eiffel ou os brinquedos da Disney. São lugares que o senso comum nos diz que devem ser os primeiros a serem visitados. Seja porque todos vão ou pela facilidade de chegar até eles. Com um pouco mais de ambição, dá até pra pensar em uma lua de mel no Taj Mahal, Kremlin ou Muralha da China. Estes podem ser exóticos, mas algum amigo deve ter postado uma foto por lá.

Desafiante - e ao mesmo tempo objetivos de vida - para mim era pensar que poderia visitar as terras que meu imaginário sempre habitou, mas que pouquíssimas vezes conheci alguém que estivesse lá. É como se, ao ir a países exóticos, eu não precisasse seguir um caminho pré-estabelecido, tirar as mesmas fotos ou voltar com histórias parecidas. Talvez por isso, nunca fui aos Estados Unidos. Aos poucos, fui realizando alguns sonhos, como andar de camelo no Marrocos, assistir à aurora boreal na Noruega e, agora, cheguei ao mais fascinante – e, até então, o mais inalcançável – dos quase 30 países que percorri, o Camboja. Uma terra frequentemente mais associada aos contrastes sociais e a uma das maiores carnificinas já vistas – com estimados dois milhões de mortos – do que pelos seus roteiros turísticos. O histórico recente cheio de violência contrasta com a rica espiritualidade e alegria inimaginável dos cambojanos nos dias atuais.



Siem Reap, principal destino turístico do Camboja

Siem Reap

A partir da China, não é raro ver chineses partindo rumo ao Camboja. Não chega a ser comum porque, com dez dias de férias por ano, eles são mais adeptos ao turismo doméstico. A quase seis horas de avião, o destino está para o chinês tal qual Buenos Aires está para o brasileiro. Raro é ver brasileiros encararem os voos e a espera em aeroportos, que somam ao menos 27 horas a partir de São Paulo, geralmente com duas escalas (em alguns *hubs* europeus, como Madri, e asiáticos, como Bangucoque). Por isso, quem se aventura – em especial, os mochileiros – acaba incluindo Siem Reap em meio a outros destinos do sudeste asiático, como praias da Tailândia, cachoeiras e cavernas

do Laos e montanhas do Vietnã. Um roteiro que, devido a muita curiosidade e pouco tempo, acabei realizando em somente três semanas, no último mês de setembro. Para quem deseja cenários paradisíacos, ótimos preços de hotéis e restaurantes, além de vivenciar uma cultura tão distante, em qualquer um destes quatro países é possível passar um mês sem enjoar.

Embora não seja a capital do país, que é Phnom Penh, Siem Reap é o principal destino turístico do Camboja. O que leva hoje três milhões de turistas à cidade por ano é o fato de ela ser a porta de entrada para o maravilhoso e impressionante complexo de templos de Angkor. São ruínas da maior cidade pré-in-

dustrial do mundo, com 150 quilômetros quadrados de extensão, e antiga capital do Império Khmer, entre os séculos 9 e 15. O turismo deixa por lá cerca de 70% das receitas do país, ainda em recuperação de uma guerra civil muito recente. Os cambojanos apenas voltaram a viver em relativa paz após os anos 90. Apesar da simpatia, com recorrentes sorrisos no rosto e saudações calorosas, eles ainda vivem o reflexo do governo de Pol Pot, que governou o país de 1975 a 1978, sob o regime do movimento revolucionário comunista Khmer Vermelho, e foi responsável pelo Genocídio Cambojano que matou aproximadamente dois milhões de pessoas – um quarto da população à época.

Roteiro

Não dá para viajar a um destino como este sem conversar com quem já foi e sem baixar um aplicativo de viagens, como o *Trip Advisor*, que indica as melhores opções do que ver, comer e visitar, segundo os viajantes. Sem exceção, os amigos me aconselharam a passar uma semana em Siem Reap se eu tivesse que priorizar uma cidade (mas deixaram claro que eu poderia passar um mês inteiro viajando pelo Camboja). Já o aplicativo me levou a um hotel que foi uma agradável recepção, a começar pelo aeroporto, onde foram me buscar. O aeroporto de Siem Reap é pequeno, só tem andar térreo, mas é uma graça, parece uma charmosa e caprichada parada de ônibus.

“Thom-lea-us”, gritava a simpática senhorinha que tentava me chamar com um característico sotaque dos cambojanos, que - em sua grande parte - aprenderam a falar inglês para conviver com tantos americanos e europeus. Eu



Tuk tuk é uma espécie de charrete puxada por uma motocicleta

estava à espera do visto de entrada no país, concedido no próprio aeroporto e válido por 30 dias. De lá, outro simpático rapaz me aguardava ao lado de fora a bordo de um tuk tuk. O veículo, também comum em países como China, Índia e Tailândia (agora tentando entrar no Rio de Janeiro, como uma novidade do 99Taxis), é uma espécie de charrete de quatro lugares puxada por uma motocicleta. Pode ser ainda um carrinho elétrico com dois bancos traseiros. As corridas para

qualquer lugar dentro da cidade custam um dólar. Existem também táxis, que ficam em segundo plano.

No Hotel Dream Mango, fui recebido no balcão pelo simpático suíço Harry, e ali ficamos três horas conversando, com uma cerveja atrás da outra – uns vinte choppes. Cortesias da casa que se repetiram outras vezes na piscina que fica ao centro de dez suítes bem equipadas. Rapidamente entendi porque ele era tão (e tão bem) citado nas resenhas escritas pelos usuários em aplicativos. Harry me contou que o motivo para deixar a Suíça foi a busca por uma vida mais relaxante, em uma cidade pacata e que pudesse interagir com gente do mundo todo. Eu já havia escutado histórias semelhantes de estrangeiros que escolheram Pipa pra viver – e, muito culto e vivido, Harry também ouviu da praia potiguar. Dinheiro pra ele não é tudo. Por isso, já deixou até hóspedes ficarem mais um dia de graça depois



Dream Mango Villa, em Siem Reap

de perderam um voo. Ou no meu caso, estendeu o *checkout* para a noite, para que eu pudesse esperar meu voo no meu quarto. Paguei 200 dólares por cinco diárias. É possível encontrar pousadas bem mais em conta ou hotéis boutiques mais luxuosas, onde os preços ainda estarão infinitamente melhores se comparados aos Estados Unidos ou qualquer destino da Europa.

Sobre dinheiro, aliás, duas coisas me surpreenderam no Camboja. Levei duzentos dólares convertidos na moeda local – o riel – para somente depois descobrir que eles praticamente só aceitam dólares, devido à desvalorização da própria moeda. Um dólar vale quatro mil riels. Já a agradável surpresa é que, mesmo em dólar, o dinheiro rende muito por lá. Não paguei mais que cinco dólares em refeições. Dez dólares em verdadeiros banquetes.

O churrasco cambojano é uma experiência diferente e exótica. Após escolher as carnes (além das tradicionais, provei a de jacaré, mas não arrisquei a de cobra), um fogareiro é colocado sobre a mesa onde a refeição será preparada. Após as carnes estarem assadas, o caldo serve de base para uma sopa de macarrão com legumes deliciosa. Os pratos típicos são felizes combinações de temperos, como capim limão, folha de lima e manjeriçã. Da mistura destes ingredientes, surgem vegetais refogados ao molho de ostra, sopas de camarão e peixes, berinjela refogada e um o prato mais popular, o Peixe Amok, com leite de coco, temperado com “fingerroot”,



No comércio do Camboja, o segredo é a pechincha

um parente do gengibre, porém mais suave no sabor, tradicionalmente servido na folha de bananeira.

Inevitavelmente, o lugar para se provar estas especiarias é a Pub Street, na área central da cidade – por isso é bom levar sempre em consideração este lugar na hora de escolher um hotel. A rua é uma personificação da Ásia. Um lugar muito interessante e vivo, com restaurantes, casas de massagem e de peixinhos que comem as cutículas dos pés, mercados e, como o nome sugere, bares. Lembro de não esperar nada da noite do Camboja, após ter experiências de muita tranquilidade no Laos e no Vietnã. Mas me surpreendeu como eles pensaram no principal público, os jovens. São muitos lugares pra dançar, cantar em karaokês e fazer amizades, para quem viaja sozinho, como eu. Por lá, a caneca de cerveja de meio litro é encontrada por 50 cents de dólar.

Durante o dia, a região central, chamada de *Old French Quarter*, tem uma mescla arquitetônica dos tempos de protetorado francês e das influências chinesas. Nessa área fica

o Mercado Velho, que proporciona uma rápida introdução aos costumes locais. Por ser frequentado pelos moradores, o mercado é muito movimentado. Uma ótima oportunidade para provar delícias locais e comprar artesanatos e lembranças. O problema é fugir da insistência. Perguntar o preço é sinal de que quer comprar, e eles não sossegam até o cliente sair com as bolsas cheias. Como em quase todo o sudeste asiático, vale muito a pena pechinchar – dá pra conseguir levar alguma coisa por 10% do preço.

Dá pra pensar que uma cidade como esta é perigosa, não tem caixas eletrônicos para turistas na rua ou que sequer haja Wi-Fi. Três grandes erros. Nos hotéis, bares e restaurantes a internet é ótima, e inclusive é possível comprar chip 4G para o celular. Quanto à segurança, uma vez o ex-embaixador dos Estados Unidos no Camboja, Joseph Müssomeli, resumiu qual é o principal perigo do país: “Tome cuidado, pois o Camboja é o país mais perigoso que você visitará. Você se apaixonará por ele e ele eventualmente irá partir seu coração”.



Complexo de Angkor tem 30 templos

Angkor

A primeira providência antes de visitar Angkor é dormir cedo. Uma das dicas mais repetidas por lá é chegar à entrada do Angkor Wat, o principal do complexo de 30 templos, antes do sol raiar, o que acontece às cinco e meia da manhã. Eu imaginava o lugar como um jardim botânico, em que seria possível percorrer tudo em um dia, até descobrir que tratava-se de uma antiga e imensa cidade que formava parte do que foi o maior império do sudeste asiático, o Khmer – que

se estendia da Tailândia ao Vietnã. De um templo para outro, há quem prefira a bicicleta – o que não chega a ser indicado por causa dos mais de 30 graus do eterno verão do sudeste asiático ou da época de fortes chuvas entre maio e outubro. Além disso, exige-se preparo físico para rodar mais de 20 quilômetros. Contratei, com três amigos recém-conhecidos, um tuk tuk por 20 dólares para passar o dia nos acompanhando.

O passeio começa às 4 da

manhã, quando o tuk tuk nos pega no hotel, servindo café, maçãs cortadas e biscoitos. Meia hora depois, estávamos, nas imediações de Siem Reap, na porta de entrada do complexo, onde poderíamos comprar tickets para um, três ou cinco dias de visita aos templos. O bilhete é impresso com a foto da pessoa para evitar ser passado adiante. Às 5 da manhã, centenas de tuk tuk estão estacionados e seus passageiros sentados no chão, deslumbrando o nascer do sol atrás do Angkor Wat.

O lugar nos remete a uma longa história, começando pela posição estratégica do país, que entre os séculos 1 a 6, serviu de passagem para as rotas de comércio entre a China e Índia. O Camboja sofreu muita influência da Índia, absorvendo sua cultura, língua e religião. O ápice se deu com o império Khmer e com a construção de Angkor, porém as constantes guerras com seus vizinhos tailandeses e vietnamitas levaram à queda do grande império.

Durante todo o período das guerras, até meados dos anos 90, o Complexo de Angkor foi totalmente abandonado, sendo incorporado à vegetação local. Após a redemocratização

do país, a Unesco, ao qualificar o complexo como Patrimônio Mundial da Humanidade em 1992, abriu portas para que vários países iniciassem em conjunto um trabalho de restauração dos templos e ruínas, transformando - em apenas duas décadas - o Angkor Wat, o maior monumento religioso do mundo, em uma das mais importantes atrações turísticas de toda a Ásia. Tudo que restou aos olhos dos visitantes foi construído com rochas, usadas à época apenas para edifícios sagrados (durante diferentes épocas, foram espaços para contemplação de hinduístas e budistas). Já as casas e lojas eram feitas de madeira e barro, e não sobreviveram à ação do tempo.



O complexo passou a ser Patrimônio Mundial da Humanidade em 1992 e abriu portas para que vários países iniciassem em conjunto um trabalho de restauração dos templos e ruínas

Deixamos o roteiro com nosso motorista. Entre os templos, destaque para Bayon, com rostos esculpidos nas rochas. Embora não seja um lugar oficial de peregrinação, o sítio continua recebendo fiéis budistas. Embaixo de sua torre central, um pequeno santuário reverencia uma imagem de Buda e recebe oferendas de cambojanos. O Prasat Ta Prohm é outro espetáculo, com suas árvores retorcidas que cresceram sobre as ruínas (ação da natureza sobre a área abandonada por muito tempo). Esse local foi um dos que serviu cenário de Angelina Jolie no filme Tomb Raider.

Os franceses descobriram o Complexo de Angkor no início do século 20. O país ficou inacessível aos estrangeiros durante quase um quarto de século. As pedras tomadas pela vegetação não eram prioridade para um governo que precisava se reestruturar. Em duas décadas, Angkor Wat passou de um lugar misterioso tomado pela floresta a uma das atrações turísticas mais importantes da Ásia, tão admirável como o Taj Mahal, na Índia, ou a Grande Muralha da China. Angkor representa o coração e a alma do Camboja: é o principal símbolo do país. O desenho do templo está no centro da bandeira nacional azul e vermelha.



O país tem influência da Índia e absorveu sua cultura e religião



Casas flutuantes

O Camboja é um dos países mais pobres do sudeste asiático. Infelizmente, ainda é comum ver muitas crianças trabalhando, principalmente vendendo souvenirs para turistas. As crianças têm sorrisos irresistíveis e isso pode ser um grande problema, pois muitas delas foram ensinadas a dar golpes nos turistas. Minha experiência com isso foi na visita à cidade flutuante de Chong Khneas. Dias depois de conhecer os templos de Angkor, me juntei a uma excursão, com ponto de saída a 30 minutos de Siem Reap. O caminho de tuk tuk até o leito do Rio Mekong já apresentava um pouco da realidade dos moradores do Camboja que praticamente não podem usufruir das benesses do turismo. São muitas vilas basicamente rurais, que vivem das plantações principalmente de arroz e lótus.

Pegamos um barco grande para conhecer o local onde todos vivem a cerca de 15 metros de altu-

ra do rio. Mesmo assim, nas épocas de cheia do rio, elas chegam a ficar alagadas. Sem dúvida, esse é mais um lugar cheio de contrastes, onde a natureza é estonteante, mas a pobreza é evidente. São casas construídas sobre palafitas, sem saneamento, com até 10 moradores – que vivem da pesca e só usam barcos para suas atividades. É impressionante como essas pessoas ficam por ali, isoladas da cidade.

Quando trocamos para barcos sem motor, para entrarmos nos pequenos leitos do rio, conhecemos a feira de frutas e verduras, tudo vendido em um incrível tráfico de barcos. Foi lá onde muitas crianças se aproximaram para pedir que comprássemos cadernos e lápis para seus estudos. Os vendedores estavam logo ao lado, e cobravam cinco dólares pelo material escolar. Apesar do preço destoante para o



Barcos que levam à cidade flutuante de Chong Khneas



Crianças entram nos barcos e interagem com turistas, mas governo pede que não deem dinheiro a elas

padrão do Camboja, alguns turistas compraram no intuito de deixar sua mínima ajuda àquela realidade tão cruel. Minutos depois, vimos as mesmas crianças repassando o mesmo material escolar para os mesmos vendedores, que se encarregariam de revender os produtos. No caminho de volta do barco, outros meninos e meninas, com menos de 10 anos, entraram no barco e brincaram de fazer massagem nos turistas. Menos de um minuto depois, soltam uma das frases mais ouvidas nesta estadia: “One dollar,

one dollar”. Com anúncios, o governo alerta que não se deve incentivar as crianças a pedir dinheiro ou trabalhar nas ruas. A mesma ideia de que estamos habituados no Brasil, com meninos limpadores de vidro ou flanelinhas. Por lá, também existem formas seguras e mais eficientes para doar dinheiro.

Como o Camboja, alguns dos atrativos naturais mais belos do planeta estão em regiões com condições de vida precárias. Somos atraídos pelos contextos culturais e econômicos distintos, regiões remotas e

peças socialmente excluídas. Nos habituamos a chamar estes lugares de exóticos. Uma vez li que turismo nas favelas do Rio de Janeiro são “espetáculos da pobreza”. Os gringos não estariam interessados em aprender sobre a população e sua cultura, mas sim em contar para os amigos que vivenciou uma experiência, que na verdade nunca viveu. Acredito, no entanto, no turismo crítico, que tenha como objetivo a denúncia de uma situação social com objetivo de mudança. Que desmistifique o senso comum que responsabiliza os próprios moradores pelas condições de falta de educação e de emprego a que estão submetidos.

Qualquer cambojano com mais de 40 anos fez parte do episódio mais sangrento do século 20. Milhões de pessoas foram forçadas a deixar seus lares e trabalhar em campos de concentração. Eles perderam familiares e amigos – pela fome, doenças ou assassinato. O Camboja foi ao inferno e voltou. Há apenas duas décadas, encontrou sua fonte de renovação no turismo.

Ao sair de lá, o sentimento de muitos visitantes, como eu, é de que a experiência deve ser no sentido de aprender a respeitar e a lutar pela melhoria de vida destas populações. Para, quem sabe, turismo e desenvolvimento social possam andar juntos. As pessoas que vivem ali, mesmo em condições de vida tão diferentes das nossas, são pessoas como nós com problemas e momentos felizes, com sonhos e expectativas.

Comida arretada

Na capital federal, restaurante Gibão exalta cultura e culinária tipicamente nordestinas

Por Camila Pimentel, de Brasília (DF)

A famosa carne
de sol do Gibão



NORDESTE EM BRASÍLIA. É a sensação que se tem ao adentrar no Restaurante Gibão, localizado no Parque da Cidade Sarah Kubitschek, centro da capital federal. Conhecido pelo sabor da sua carne de sol, o lugar tem como proprietários Salvador Gomes de Olinda e Adriano Bezerra de Faria, ambos naturais de Serra Negra do Norte, município da região Serridó potiguar, que fica a 320 km de Natal.

Antes de começar a falar sobre o restaurante, vamos ao significado da palavra Gibão: roupa de couro feita para pegar o boi na caatinga. O primeiro espaço foi aberto em 19 de novembro de 1981, em Taguatinga Norte, e atualmente conta com duas unidades: Taguatinga e a do Parque da Cidade. Cerca de 400 pessoas são recebidas por dia nas duas unidades e os pratos mais pedidos são Xique-Xique e Mandacaru, servidos com carne de sol, feijão verde, paçoca e macaxeira.

O objetivo é oferecer aos clientes de todo o Brasil a melhor carne do sol. Fato curioso é que o cardápio é o mesmo há 35 anos.



Cerca de 400 pessoas são recebidas por dia nos dois restaurantes



O salão do Gibão na unidade do Parque da Cidade

Beijo, palitinho e violão, aqui não

O Gibão é um restaurante que coleciona várias narrativas dignas de uma obra. Dentre os inúmeros causos, tem um que merece destaque. A frase “Beijo, palitinho e violão, aqui não. Agradece o Gibão!”, virou um ditado muito conhecido entre os clientes. Na década de 1980, o restaurante recebia clientes com tanto carinho que muitos se sentiam tão à vontade ao ponto de esquecerem que estavam em público. Os proprietários na época começaram a ficar incomodados com algumas cenas apimentadas de casais apaixonados e com diversas mesas que extrapolavam no volume ao jogar palitinho ou tocar violão. Foi então que a frase passou a ser exposta em plaquinhas.

Salvador, o proprietário mais popular e conhecido como Gibão



Salvador “Gibão” e a filha Eudinice Olinda


(por causa do restaurante), é um personagem pitoresco do Seridó e cheio de histórias para contar.

“

Tem gente que só me conhece por causa do chapéu, quando quero sossego, tiro e ninguém me acha.

Salvador “Gibão”

Ele comandou sozinho durante 13 anos a churrasqueira do local. Seu jeito peculiar de tratar os clientes agradou e agrada a todos. Ao conversar com o homem que veio do Nordeste em busca do sucesso e de dias melhores em Brasília, percebe-se que em sua personalidade não faltam alegria, humildade, espontaneidade e sinceridade. Jeito sincero que, aliás, dá o que falar.

A close-up photograph of a plate of yellow macaxeira (cassava) pieces. The plate is white with a black geometric pattern around the edge. In the background, there is a wooden cup filled with green herbs and a glass of beer on a metal stand. The scene is set on a woven placemat.

Macaxeira feita à
moda nordestina

A alma nordestina fala mais alto na personalidade de Salvador, que mesmo morando há mais de 30 anos em Brasília, não deixa faltar em seu visual o velho chapéu. “Tem gente que só me conhece por causa do chapéu, quando quero sossego, tiro e ninguém me acha”, conta, aos risos, o seridoense.

A região nordestina não está apenas presente na alma de Salvador Olinda, mas também em todo o ambiente do restaurante e na essência da história do seu personagem mais popular, que é contada em literatura de cordel. Segundo a filha Eudínice Olinda, foi uma ideia que surgiu e que ela, como administradora do lugar, aprovou, pois assim o Gibão criaria uma identidade e as pessoas poderiam ver toda a ligação com o Nordeste. “Achei interessante contar a história do meu pai em cordel. Hoje somos referência na culinária nordestina em Brasília”.

Salvador, que chegou a Brasília querendo uma vida melhor, em 1979, para trabalhar nas obras da capital federal, a “terra prometida” da época, após três anos resolveu levar a família: a esposa, Eunice Olinda, e os cinco filhos.



Xíque xique e mandacaru são os dois pratos que mais saem. Os dois têm carne de sol, feijão verde e macaxeira



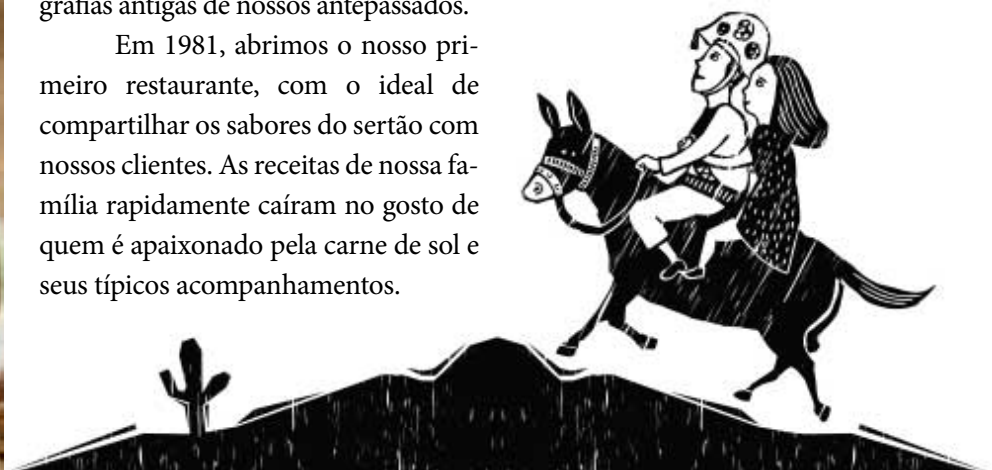


Cordel do Gibão:

Em 1979, começou a nossa história no Distrito Federal. Assim como milhares de imigrantes que vieram para cá, nós também sentíamos muita saudade do nosso dia a dia no sertão nordestino, das comidas típicas, da cultura e das paisagens que figuravam as fotografias antigas de nossos antepassados.

Em 1981, abrimos o nosso primeiro restaurante, com o ideal de compartilhar os sabores do sertão com nossos clientes. As receitas de nossa família rapidamente caíram no gosto de quem é apaixonado pela carne de sol e seus típicos acompanhamentos.

Devido a diversos pedidos, abrimos nossa segunda unidade, no Parque da Cidade, na Asa Sul. De lá para cá, fizemos muitos amigos e tivemos o prazer de receber inúmeras pessoas que vieram matar do sertão conosco.



Moda

como elemento de transformação

No bairro de Felipe Camarão, que fica em Natal (RN), diversas peças de moda são produzidas artesanalmente. Porém, por falta de parcerias, projeto social que transforma realidades está parado

Por Vânia Marinho

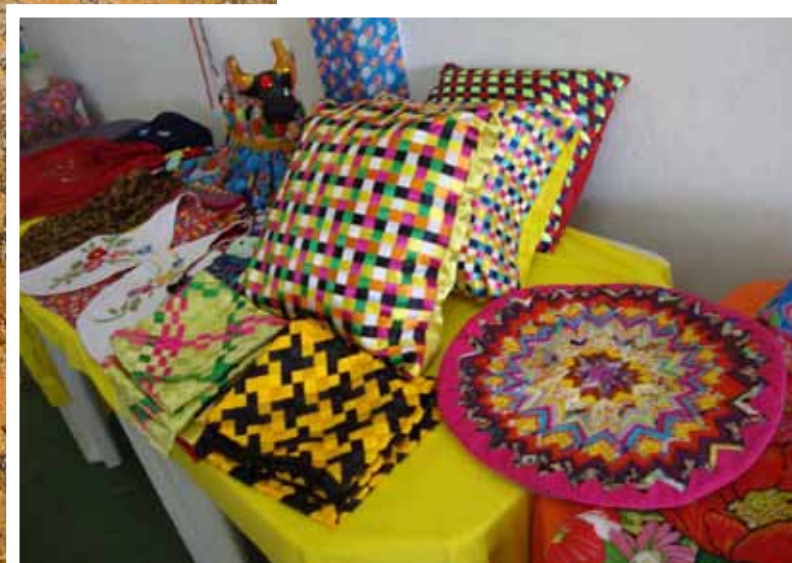
Fotos: Divulgação



QUEM ACOMPANHA O CAMINHAR

da moda pode perceber que o trabalho original exige a pesquisa, as raízes. Se a intenção é trabalhar com moda genuinamente brasileira, é possível perceber elementos de nossas paisagens, em coleções de muitas marcas potiguares. Nada de trabalho escravo.

O Rio grande do Norte tem se revelado um grande celeiro de moda com originalidade. O surgimento de estilistas e designers dispostos a criar e não copiar é uma realidade que enche de orgulho os potiguares. Grata surpresa é o trabalho desenvolvido no núcleo de moda, estilos, costumes, figurinos e adereços no bairro de Felipe Camarão, zona Oeste da capital. O núcleo faz parte do Projeto Conexão Felipe Camarão. Lá são produzidos vestidos, bolsas, estampas, almofadas, entre outros acessórios. Infelizmente, o projeto que já rendeu muitos frutos está parado em função da falta de parcerias.



Algumas das peças produzidas são vestidos, bolsas, estampas e almofadas



ESTILO E TRADIÇÃO

As linhas que costuram e bordam o tecido nas mãos de uma jovem também costuram destinos. A inserção social é o maior lucro. A primeira coleção foi lançada em 2013 e é atemporal, já que a intenção é difundir a cultura e a iconografia locais, além de perpetuar a oralidade de uma comunidade rica culturalmente. O polo de moda que contou com apoio do Sebrae e do grupo Votorantim já foi presença em programas nacionais da Rede Globo de Televisão diversas vezes.

No aniversário do Jornal Hoje, muitas peças foram adquiridas para serem distribuídas como brindes a patrocinadores. O que chama atenção nas peças é a possibilidade de imprimir o colorido dos casarios locais, das dunas, do Rio Potengi, das fitas do Boi de Reis, tudo com muito estilo e bom gosto. Todos que fazem parte do polo de moda aguardam um novo parceiro para que o projeto possa ter continuidade e mais peças, cheias de estilo e cultura, sejam produzidas e ganhem o mundo.



Por Vânia Marinho
jornalista



ANTENADA

A empresária Tereza Tinoco, super antenada com as tendências da moda, já se liga no inverno e participou da Casa Moda São Paulo. A empresária aproveita a temporada para cumprir agenda de visitas nas badaladas marcas que representa em seu espaço, escolhendo pessoalmente as peças que irão compor as araras na próxima estação. Na volta, tem uma parada em Vitória (ES) para cumprir agenda pessoal e passar o aniversário ao lado da filha, Bebel Tinoco.

COLORIDA é ACESSÍVEL

A marca carioca Dress to e a C&A comemoraram a pré-venda de sua segunda parceria na *flagship* do Shopping Iguatemi, em São Paulo. A festa contou com a presença especial da modelo e atriz Yasmin Brunet. "O mais legal da coleção é a liberdade de misturar, além das possibilidades de combinações entre cores e estampas que são a cara do verão!", disse Yasmin.



Plus Size

Uma ótima notícia para aquelas que têm dificuldade de encontrar roupas no seu tamanho. Agora na Avenida Hermes da Fonseca, em frente ao Mercado de Petrópolis, tem a loja Achados Plus Size. Um lugar perfeito, com looks modernos e adequados.



Jardineiras

Sucesso nos anos 90, as jardineiras são peça-chave para a estação mais quente do ano. Elas chegam descontraídas, despojadas com a cara do verão. Nessa temporada, as jardineiras surgem com modelagens soltas e modelos em shorts. A Marisol traz estampas florais e aposta em tonalidades vibrantes como o pink e verde lima. Na coleção da Mineral Kids, os bichos estão à solta com estampas de zebra e girafas.



NINGUÉM MERECE OUVIR NOTÍCIA CHATA NA VOLTA PARA CASA.

Mude de companhia no começo da noite.

Esqueça o trânsito parado
e os problemas do dia-a-dia
sem deixar de saber o que é notícia.

Você tem o direito.

Ninguém precisa ser chato
para lhe contar o que está
acontecendo.



ELIANA LIMA



CIRO PEDROZA

BATE PAPO NA CIDADE

Segunda a sexta

18h

Notícia com inteligência, interatividade, bom humor e sem chatice.

R Á D I O
CIDADE
94FM

Participe: **9 8181 9720**  #batepaponacidade



Wellington Fernandes

Arquiteto

Email: wfarquitetura@yahoo.com.br



SEGUNDO LAR

Não importa se serra ou se praia, espaços para refúgios dos centros urbanos são muito bem-vindos



Projeto de casa de campo na Lagoa do Bonfim (RN), por WF Arquitetura

CAMPO, FAZENDA, PRAIA, LAGOA, montanha ou serra. Cada um encontra sua forma de refúgio para sair da rotina do dia a dia. Para muitos, esses lugares se transformam em segundas casas. É como mudar de vida, de hábitos e de lar.

Quem tem a oportunidade de construir um refúgio em um lugar assim sabe da importância dessa mudança. Para quem vive em cidades litorâneas, como Natal, capital do Rio Grande do Norte, é comum o sonho da casa na praia, mas são muitas as famílias que se deslocam para outros ambientes junto à natureza, como lagoas, fazendas ou serras.

Com o turismo se desenvolvendo pelo interior do estado e a chegada dos aerogeradores dando novos rumos à economia dos municípios, surgem condomínios que oferecem, além das belezas naturais, infraestrutura de lazer que pode atrair muitas pessoas em busca do segundo e, em alguns casos, terceiro lar.

Projetar a segunda casa exige uma dose extra de conversa e entendimento com quem vai usufruir do espaço. Em muitos casos, apenas para passar uns dias, ela precisa mais do que nunca estar integrada com a natureza.

Alguns projetos têm particularidades que os diferenciam dos tradicionais, com espaços para receber hóspedes de forma que eles também tenham privacidade. Por exemplo: ala para visitas, inserida em uma casa que se desenvolve em dois blocos voltados para uma área de lazer e que se possa contemplar a vista - mar, horizonte, rio, lagoa etc.

Nuno Almeida



Gonzalo Caceres



Os estilos são os mais variados, ex-cêntricos, modernos, mas sem dúvida o que mais se integra à diversidade dos lugares são as casas que usam elementos rústicos, que ficam mais integrados à natureza, proporcionando bem-estar.

O que não pode faltar em uma segunda casa: varanda ampla, se possível com um jardim no centro, definindo ambientes diferentes dentro do próprio espaço; o piso que se estende além da cobertura, fazendo o papel de um deck; um caramanchão com redes e plantas; piscina com borda molhada



e água caindo em forma de cascata. Sobre a cobertura uma área onde se possa contemplar e também cultivar plantas, criar um jardim superior; sala ampla integrada à cozinha e varanda para os amantes da gastronomia e quem gosta de receber.

O mais importante é saber aproveitar bem os espaços de forma que a casa não tome dimensões exageradas. O lar pode ser lindo e confortável, porém sem ostentação. Uma mesma estrutura de cômodos pode atender uma infinidade de pessoas, desde que se coloque ali um pouco de cada um.



Gustavo Xavier

Fotos: Paulo Lima/Brasília

O Tribunal de Contas da União (TCU) realizou mais uma solenidade anual de entrega de comenda em homenagem aos que contribuíram de forma relevante para o país ou para o controle externo, como o ministro e ex-senador Valmir Campelo, que foi agraciado com o Grande-Colar do Mérito.



Ministros Valmir Campelo e Aroldo Cedraz



Filho e nora: Carlos Frederico e Roberta Campelo



Irmão e irmãs do homenageado: Regina Telma, Valdira, Estênio e Tereza Campelo



Esposa do homenageado, Marizalva com Maria Helena, Marly, Maria Inês e Leomar



Os filhos Ricardo e Luiz Henrique, a nora Fernanda e o neto Luiz Felipe Campelo



Presidente da Abrace, Hilda Peliz e o senador Pedro Chaves



Getúlio Lopes, Ruy Coutinho



Ministro Valmir com o sobrinho Guilherme Campelo



Ministro Luiz Octávio Galotti, Carlos Motta

NOVEMBRO AZUL

Homens a partir dos 50 anos ou dos 45 anos se houver histórico familiar, devem ir anualmente ao urologista.

Para detectar o câncer, posso somente fazer o exame de sangue denominado PSA?

Não, o teste de PSA não substitui o toque retal. Os exames se complementam. É preciso vencer o preconceito contra o exame de toque, que é rápido e não provoca dores.

Se houver casos de doença na família, corro risco de desenvolver a doença?

Sim, a história familiar de parentes de primeiro grau com câncer de próstata antes dos 60 anos de idade é um fator importante, podendo aumentar o risco de 2 até 10 vezes em relação a população em geral.

O câncer de próstata pode se espalhar para outros órgãos?

Sim, se ele for detectado tardiamente, a chance de metástase, ou seja, de se espalhar pelo corpo é grande.

A doença pode ser prevenida?

Não, porém manter uma alimentação saudável, não fumar, praticar exercícios físicos e visitar um urologista regularmente ajuda na melhoria da saúde em geral e pode colaborar no diagnóstico precoce deste câncer.

www.ligacontraocancer.com.br

4009.5600
CENTRAL DE MARCAÇÃO

4009.5578
CENTRAL DE DOAÇÕES

98827.7178
MARCAÇÃO POR WHATSAPP

 **NatalCard** 



**Liga
Contra o
Câncer**

OCTÁVIO SANTIAGO

octaviosantiagoneto@hotmail.com



JORNALISTA? NÃO, TURISTA

É possível que Glória Perez tenha alguma responsabilidade sobre isso. O fato é que, logo que montamos a nossa primeira grande viagem juntos, tratamos de incluir o Marrocos no roteiro. Desde a compra das passagens, era só lembrarmos o que estava por vir e Marcus Viana cantava, dentro de nós, um trecho de “A Miragem”. Isso mesmo, aquela que diz “Somente por amor...”. É, Glória Perez tem mesmo a sua parcela de culpa.

Lucas e Jade, que na versão natalense ficou qualquer coisa parecida comigo e com Larissa, chegariam de Paris num voo saindo do Charles de Gaulle. Chique, não? A resposta correta é não. É que a aviação inventou uma forma de iludir a classe média que atende pelo nome de “low cost”. Na hora do embarque, descobrimos que carregávamos quilos além dos permitidos. Muitos, é verdade, graças aos macarons e canards. Porém, não foi nada glamoroso a transformação de duas malas em uma, em pleno aeroporto, mas felizmente deu certo.

Chegamos, enfim, e foi logo na imigração que tivemos um capítulo dos mais emocionantes. Ao responder que eu era jornalista, o nada simpático senhor de bigodes disparou uma sequência (espero que não ofensiva) em árabe e quando vi, estava sendo levado por outros dois não menos rudes oficiais para uma pequena sala, cuja escrita na porta, apesar de em outro alfabeto, dizia algo parecido com “você está encrencado”.

A essa altura eu já estava refletindo sobre a minha condição de jornalista. Elogiam minha comida afinal e meu inglês não é lá tão ruim. Eu poderia então ser chef? Tradutor? Não. O senhor da cabine de vidro tinha sido claro aos pares: eu disse ser jornalista. Foi o que respondi de novo, já sentado na condição de réu. Então eles questionaram para quem eu trabalhava, o que eu estava fazendo em Marraquexe, qual era o objetivo da minha viagem. Ufa!

Nessa hora, eu poderia ter assumido toda a covardia que as minhas pernas já denunciavam e manifestar meu desespero, dizendo que a culpa era de Glória Perez, que tudo ia bem até a reprise no “Vale a Pena Ver de Novo” e que Larissa só



queria “expor a figura na Medina”. Mas inspirei-me no cinismo de Jade e disse: “Ora, o que qualquer pessoa faz nas férias. Vim fazer turismo. Apenas isso. Não vou escrever nada”. Olhares cruzados, um deles deu de ombros. Meu habeas corpus. Anotaram o endereço do nosso hotel, eu recebi um carimbo diferente no passaporte e estávamos, aparentemente, livres.

O capítulo desta novela ainda tinha um último bloco. No hotel, enquanto comíamos o café da manhã, um outro senhor, este de terno e com cara de francês, abordou-nos sobre como era importante falar bem do Marrocos ao sair do país. Coincidência, não? Até poderíamos achar que sim se, volta e meia, no meio das vielas, ele não reaparecesse subitamente e perguntasse se estávamos gostando da viagem, como quem nos interroga. Não restava dúvida: era algum oficial que recebera orientações do aeroporto para nos observar, com seu disfarce pouco discreto: um terno entre túnicas.

Depois de umas três reaparições, nas quais ele constatou que o nosso interesse era apenas comer tahine e negociar souvenirs no souk, o agente pouco secreto nos deixou explorar sem mais interrupções. Mal sabia o francês engravatado que tudo aquilo viraria de fato um texto. Este aqui, o qual peço gentilmente que não faça chegar a ele e seus amigos, pois tenho muitos planos para a minha vida e “arder no mármore do inferno” seguramente não está entre eles.

Fotos Paulo Lima/Brasília

Com missa celebrada pelo Frei José, a procuradora Lenir e o desembargador Hélio Fonseca inauguraram no Sítio São José, em Brasília, a Capela Nossa Senhora de Fátima. Após as bênçãos, almoço assinado pelo Laura Buffet, ao som da Banda Leila e Arnaldo Chagas. A decoração teve grifo Empório Ville, de Isaura Caroline. Helton de Souza e Jodemilson da Silva foram responsáveis pela ornamentação da capela.



Lenir e Hélio Fonseca com os filhos, nora, netos e o Frei José



Hélio e Lenir Fonseca



Irany Vidigal, Helye e Mariane Vicentini



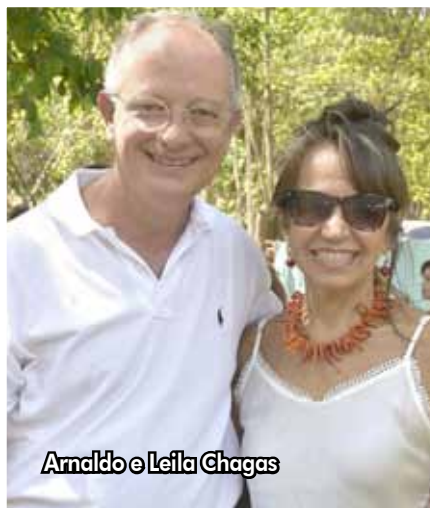
Maitê e Amazildo Medeiros



Bertha Pellegrino, Rita Márcia Machado, Mônica Cruz



Luíza Chixaro, Rita Márcia Machado, Carmen Fonseca



Arnaldo e Leila Chagas



Luiz e Livia Simplicio, Rosa Melo e Grey Chixaro Braga



Célia Ribeiro, Neuza Coelho, Valdete Drummond

DOS SONHOS

Fotos: Júnior Barreto

O casamento de Paula Rocha Gaspar e Paulo Barbalho Cavalcanti, no Ocean Palace, em Ponta Negra, Natal - hotel cinco estrelas dos avós da noiva, Denise e Arnaldo Gaspar -, foi o que pode se dizer dos sonhos. De princesa. Com celebração pelo padre Charles, a belíssima ambientação teve assinatura do top Luciano Almeida. Depois das bênçãos, recepção no salão de eventos do hotel. Noite regada a Veuve Clicquot, Gold Label, coquetéis e cerveja. O som começou com o rock de Diogo das Virgens. Depois, o multi-instrumentista carioca Rodrigo Sha, dos badalados do país, com seu sax e suas performances. E terminou ao som de Pedro Luccas e banda. O estilista Marcelo Quadros, que participou da ocasião, assinou os belos vestidos da noiva e da mãe, Ariane Rocha Gaspar. A equipe do hair-empresário Sinval de Souza assinou a produção das duas. No banheiro feminino, Mateus Augusto retocava a beleza das convidadas. No topo do lindo bolo by Tereza Vale, uma perfeita peça dos noivos com o grifo Lladró, espanhola que produz esculturas de porcelana de alta qualidade. E tudo foi maravilhoso. Os noivos curtem lua-de-mel em Lisboa, Dubai, Ilhas Maldivas e Paris.



Já sob as bênçãos do padre Charles, Paula e Paulo deixam o altar



A noiva e seu belo vestido Marcelo Quadros em meio ao cenário espetacular



Momento a sós



Família do noivo: pais Valéria e Pedro Cavalcanti, os irmãos Priscylla, Pedro Neto e Mara



Com os chiquinhos avós da noiva: Denise e Arnaldo Gaspar



A noiva entre os pais Ariane e Arnaldo Gaspar Jr., a avó Denise Gaspar, e o noivo com a vovó Titi Cavalcanti



Camila Freitas e Bruno Giovanni



Denise Gaspar recebe Eliana Lima, Tháisa Galvão, Priscila Gimenez



Irmã do noivo, a estilista Priscylla Cavalcanti assinou o belo vestido que usou



Arnaldo Jr. e o herdeiro Bernardo Gaspar



Pais dos noivos: Ariane e Arnaldo Gaspar Jr.



Toda exibida, Simone Silva



Adauto Morais cheio de estilo



Ô belo Tereza Vale com os novos da espanhola L'ladro



Os amigos Cláudia Rocha, Ariadna Rocha, Roninho Dantas, Cristiane Queiroz, Thaíza Barros



Belo casal Cristiane Queiroz e Guto Rodrigues



Sovânia e Flávio Monte



Encontro de beleza noiva, vestido, doces



Toda bela Bobstore, Renata Santa Rosa no cenário dos doces



Cristine Gaspar e a herdeira Júlia



Daniele e Marco Bruno com as herdeiras, que foram daminhas: Laurinha, Cacá e Bebel



Ariane Gaspar e o estilista Marcello Quadros



Valéria Cavalcanti e as amigas Beta Almeida, Tereza Guarda, Camila Freitas, Veruska Borges, Sovânia Monte



Pais e filhos: Ariadna e Marcelo Ribeiro Dantas com Helena e Marcelo

SEMPRE

Fotos: João Neto

Para lembrar momentos que marcaram nos tempos de colégio, ex-alunos do Colégio Marista Natal pilotaram a festa Ex-Marista Nunca, na própria instituição, dia 12 de novembro. Um dia de reencontro onde as palavras de ordem foram alegria e animação, ao som do forró de Eliane, bandas Mesa Doze, Dubê, Gota Elétrica e Os Monstros. Até o fotógrafo foi o mais-mais que registrou todos os bons tempos dessa turma: João Neto



Tiago Freire e Yuri Bagadão com o Irmão José Assis, diretor do Marista



Habib Chalita, Janafina Daher, Heber Vila



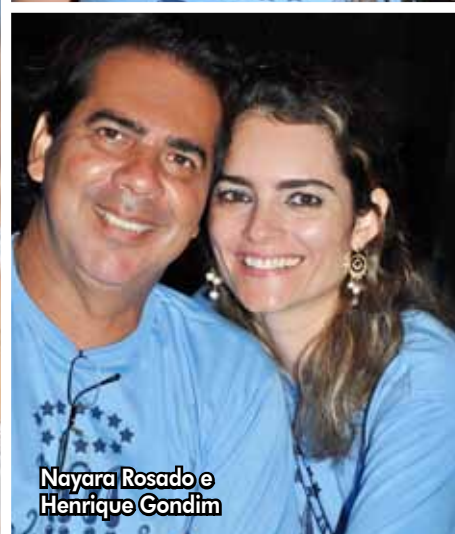
Alyne Alves, Gabriela Medeiros



Carol Costa, Georgia Melo



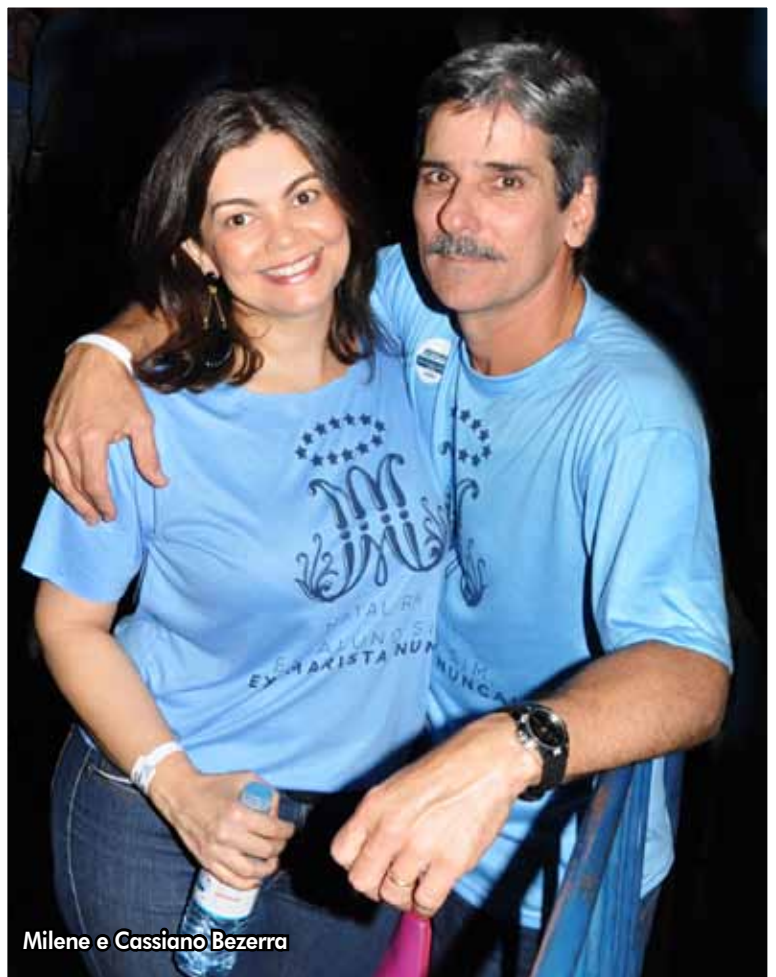
Daliana e Roberto Peres



Nayara Rosado e Henrique Gondim



Amanda Rodrigues, Carlos Chalita



Milene e Cassiano Bezerra



Janaina e Flávio Wanderley



Os irmãos Diógenes Neto e Leila Cunha Lima



Elaine e Mário Cardoso

TÚNEL DO TEMPO

Por Thiago Cavalcanti
Fotos: João Neto

BALZAQUIANA

Colunista e blogueira, a antenada Érika Nesi celebrou - no dia 16 de março de 2002 - seus 30 anos. Idade que para Honoré de Balzac a mulher chega ao amadurecimento emocional e está plena para viver o amor com maior plenitude. Os festejos foram nos salões do seu apartamento, em Morro Branco, entre amigas, na linha “abra suas asas, solte suas feras”. Ocasão com muitos risos e alegrias, marcas registradas da anfitriã.



Katharina Fernandes, a aniversariante, Márcia Varella



Auxiliadora Nesi, Carmem Santos



Ana Karenina Fernandes, Tázia Martins, Érika Nesi, Silvana Gadêlha



Thaysa Flor, Thayanne Flor, Cláudia Gallindo, a aniversariante, Tinesa Emerenciano, Herbene Pessoa



Érika Nesi recebe as irmãs Cristhina e Maria Amélia Carvalho



Andréa Cariello, Flávia Santa Rosa, Odete Guerra



Rosane Soares, Edna Galvão, a anfitriã, Cristina Pinão



Com Carmem Macedo, Angela Pinheiro, Sibebe Alves, Jota Oliveira



Luciana Toscano, Karen Greiner, Marília Bezerra, Magali Medeiros, Flávia Germano



Leila Cunha Lima, Kívia Cunha, Renata Bezerra



Com Rossana Fonseca, Luciana Santa Rosa



ANDRÉA LUIZA

andrea-luisa@hotmail.com

Passeio diferente

Para quem gosta de explorar a fundo os atrativos de uma cidade, em São Paulo, uma boa dica é o Museu do Crime. Crime do poço, crime da mala, crime do Padre João, os assaltos do intrépido Meneghetti. Esses são apenas alguns dos inúmeros, tenebrosos e curiosos crimes que estão catalogados em um dos mais interessantes museus paulistanos e que fica localizado na região central de São Paulo, no bairro da Luz. O local permite ao visitante viajar a fundo na história do tema da maior cidade do país, por meio de quadros, fotografias, documentos, armas antigas, distintivos e diversos utensílios policiais utilizados desde o início do século XX.



Divulgação



Divulgação

Black Mirror

Black Mirror, o show britânico que começou na Inglaterra em 2011, recentemente estreou sua terceira temporada no Netflix. O espetáculo, que mostra uma realidade alternativa e sombria, põe em pauta os problemas causados pela tecnologia. O programa vem crescendo surpreendentemente em popularidade a cada ano e a audiência se espalha para mais países como Austrália, Israel, Suécia, Espanha e China – e ganhou um público cativo no Brasil. Os roteiros bem escritos e a competente produção de Black Mirror não são os únicos aspectos responsáveis pelo grande sucesso da série. Ao contrário do que muitos pensam, a temática vai muito além da tecnologia.

“BR 716”

Uma referência ao prédio da Rua Barata Ribeiro, 716, em Copacabana é um filme de Domingos Oliveira que parece sintetizar em si todos os elementos que compõem a obra do diretor, incluindo clássicos como “Todas as Mulheres do Mundo”. Há uma metalinguagem – presente já na primeira cena –, uma nostalgia e a desilusão do fim das utopias dos anos de 1960. Em Gramado (RS), o longa recebeu os prêmios de Melhor Filme, Melhor Direção, Melhor Trilha Musical e Melhor Atriz Coadjuvante (Glauce Guima). É uma homenagem aos sonhos e liberdades da década de 60.



Divulgação

(Des)gostoso adeus

A edição 2016 da Mostra de Cinema de São Miguel do Gostoso, litoral norte potiguar, prevista para ocorrer em novembro, foi cancelada. A equipe organizadora do evento divulgou nota nas redes sociais explicando que não foi possível atrair patrocínio suficiente para a realização da mostra. O evento tem um objetivo sócio-cultural e capacita jovens entre 15 e 22 anos, a maioria residentes em distritos e assentamentos da região, que ao longo do ano participam de uma série de cursos, realizam filmes e organizam a mostra de cinema como resultado de todo o conhecimento adquirido nessas atividades.

Divulgação

Ribeira vive

A mudança do Festival DoSol do prestigioso bairro da Ribeira para Ponta Negra não vai ser tão prejudicial para o bairro, afinal. Ganhará mais um encontro da cena potiguar, o Festival #Ribeira360°. Idealizado pelo produtor cultural Marçílio Amorim, o evento já tem data marcada para acontecer: nos dias 7 e 8 de janeiro de 2017, no largo da rua Chile, Ribeira, abrindo o calendário de verão com shows, exposições e grandes encontros da música potiguar.



Divulgação/Site Substantivo Plural



A SUPERVALORIZAÇÃO DA SIMPLES PEC 55, MESMO SENDO APROVADA PODE SER COMO NÃO ESPERAMOS – SÓ DEPENDE DELES!

Tenho observado as críticas à PEC 55, ou antiga PEC 241, vulgarmente chamada de “PEC dos gastos” especialmente dos partidos políticos de ideologia de esquerda, que governaram o país até recentemente, inflando os gastos públicos de forma irresponsável, gastando com base em estimativas (manipuladas e irreais, diga-se de passagem) de receitas futuras, fato que culminou, inclusive, no impeachment da Sra. que ocupava a Presidência da República. Alegam que reduzirá a capacidade e investimento em educação e saúde. Falácia, só continuamos dependendo deles, infelizmente!

A premissa principal da “PEC dos gastos” é simples: só poderá ser gasto no ano seguinte o valor correspondente ao montante do ano anterior, acrescendo-se o IPCA (Índice de Preços ao Consumidor Amplo), que é medido mensalmente pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) objetivando auferir a variação dos preços no comércio para ao consumidor final - ele é o índice oficial de inflação no país. A coleta das informações ocorre do dia 1º ao dia 30 ou 31, dependendo do mês. A pesquisa é realizada em estabelecimentos comerciais, prestadores de serviços, domicílios (para verificar valores de aluguel) e concessionárias de serviços públicos. Os preços obtidos são os efetivamente cobrados ao consumidor. Só o acréscimo do IPCA seria de bilhões, exemplo: se o IPCA for de 3% naquele ano em que o governo federal gastou R\$ 1,0 trilhão, ele só poderá gastar o mesmo R\$ 1,0 trilhão acrescendo-se 3%, no ano subsequente, terão mais 30 bilhões para gastar.

Essa PEC é apenas um indício de que o Brasil quer adotar medidas mais austeras, mas é pouco, e os gastos públicos só reduzirão se o Brasil crescer.

A PEC dos gastos 241 não foi instrumentalizada (ou esqueceram de propósito) para garantir a redução dos déficits em épocas de recessão prolongadas. Assim, de pouco adianta

limitar os gastos de um determinado ano à inflação de preços do ano anterior, se a economia brasileira permanecer em recessão, mas é permitido gastar de acordo com o ano anterior, o déficit orçamentário aumentará, simples assim.

A PEC dos gastos ainda permite aos políticos aumentar os gastos (inclusive com saúde e educação) até o teto estabelecido pelo ano anterior. Um pai de família pode priorizar no seu orçamento apertadinho entre a um lazer e o plano de saúde, a PEC dos gastos também.

Vamos torcer para que a volta do crescimento chegue logo, para que o Brasil saia do vermelho. Agora possivelmente, o crescimento só retornará quando forem adotadas medidas profundas tais como a reforma tributária, trabalhistas e previdenciária, além da desburocratização da máquina pública, que permita maior agilidade e dinâmica desse enorme Estado brasileiro. Se não voltarmos a crescer, continuaremos a decrescer.

Que tenhamos políticos corajosos que possam aumentar os investimentos em educação e saúde, dentro do orçamento, desde que reduza os gastos com pessoal, cafezinho, frotas de veículos públicos, cargos fantasmas, subsídios aos artistas esquerdopatas, sindicatos, MST, CUT, UNE e super salários de políticos e comissionados.

A PEC dos gastos pode aumentar significativamente os gastos com assistência social, saúde e educação se o governo pensar nos pobres e abdicar dos gastos com concursos públicos, privatizar empresas públicas, fechar televisões e rádios estatais, reduzir gastos com publicidade, eliminar agências reguladoras, privatizar a Petrobrás, correios, portos e aeroportos, ferrovias e estradas, e principalmente, acabando com a corrupção.

Os gastos e investimentos podem aumentar, e muito, mas vamos ver se a honestidade dos políticos também aumenta. Só depende deles!

MANTENHA SUA EMPRESA ABERTA.

A economia do nosso país sofreu bastante com a crise,
mas sua empresa não precisa continuar sofrendo.
Conheça o #supereacrise, o programa que o Sebrae
desenvolveu para lhe ajudar a manter sua empresa
de portas abertas.

Acesse agora:

supereacrise.rn.sebrae.com.br 

e inicie seu atendimento
com um autodiagnóstico empresarial gratuito.

   sebraern
0800 570 0800

SEBRAE

*Serviço de Apoio às Micro e Pequenas
Empresas da Região Grande do Norte*

ANT&C



A Unicred Natal sempre apoia
GRANDES DECISÕES.
Principalmente as que trazem
GRANDES BENEFÍCIOS
para sua **VIDA.**

www. **UNICRED**  .com.br
NATAL/RN



JUNTOS NO NOVEMBRO  AZUL